

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

**Rita de Cássia Maciazeki Gomes**

**GENTE – CARACOL**  
**A Cidade Contemporânea e o Habitar as Ruas**

**Porto Alegre**  
**2006**

**Rita de Cássia Maciazeki Gomes**

## **GENTE – CARACOL**

### **A Cidade Contemporânea e o Habitar as Ruas**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social Institucional. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientador: Edson Luiz André de Sousa.**

**Porto Alegre  
2006**

**A todos aqueles que lutam pela instauração  
de um mundo onde caibam outros mundos.**

Não seja raiz morta, não seja a tranca da porta  
**Vida e sol, vida e lua**  
**Vidas que se compartilham...**  
**Gabriel Santarosa**

**Agradeço a:**

**Edson Luiz André de Sousa, pela acolhida e por seu jeito generoso de convocar a criação;**

**Galera do Jornal Boca de Rua, Janaína Bechler, Maria Margareth Rossal, Natália Ledur Alles, Jefferson Pinheiro, Arlete Cunha, Daniel Cassol e Manoel Madeira. Em, especial, a Clarinha Glock, e Rosina Duarte, fontes inspiradoras e incentivadoras nos momentos mais difíceis. Valeu pela parceria!**

**Equipe da Casa de Convivência/Atendimento Social de Rua, Patrícia, Gil, Márcia, Aline, Manuela, Bruna, Cléber, Marta, Laura, Arlete. E, em especial, a Rejane, André, Jânio e Manoel, intercessores de vida!**

**Trabalhadores do CAPS Centro, em especial a Maria Cristina Carvalho, pelo entusiasmo e acolhida;**

**Funcionários da Biblioteca da Psicologia da UFRGS, em especial Elise e Denise pela ajuda nos momentos finais;**

**Tatiane Reis Vianna, Mariane Stolzmann e Elen Gineste Baccin pela escuta e companheirismo em momentos turbulentos;**

**Colegas da Coletividade: Renata, Camila, Felipe e Márcio pela alegria;**

**Colegas do PPG Psicologia Social e Institucional da UFRGS Beatriz, Silvia, Laíze, Débora, Ticiane e Chris, com quem compartilhei idéias e devaneios na constituição deste trabalho;**

**Amigos de Santo Antônio da Patrulha que guardo com carinho no coração;**

**Minha família, fonte inspiradora de garra e luta, em especial a Pedro (em memória), Ana, Camila, Dona Maria;**

**Haik, pela alegria de contemplar o raio de sol nas folhas verdes cintilando o amarelo.**

**Porto Alegre, verão de 2006.**

**Rita de Cássia**

## RESUMO

Este trabalho tem como eixos de reflexão a Cidade Contemporânea e o Habitar as Ruas. Partimos de um foco: as pessoas em situação de rua. Mas entendemos que pensar a população de rua não se dá de forma isolada, mas em conexão com a cidade e o habitar as ruas. Buscamos investigar como se dá o processo de subjetivação das pessoas no espaço urbano da cidade contemporânea e, em especial, daquelas em situação de rua. A partir dos pressupostos da pesquisa-intervenção, oriunda da Análise Institucional Socioanalítica, estabelecemos o que chamamos de *encontro-intervenção* com a população de rua. Procuramos dar visibilidade a uma realidade que pouco temos contato, e por muitas vezes, já impregnada, estereotipada, estigmatizada a respeito de quem seja a população em situação de rua. Apostamos, então, na abertura de espaços para a apresentação de falas, discursos, textos, conversas, diálogos com nossos interlocutores na tentativa de constituir um mapeamento das relações que se estabelecem no espaço urbano. Assim, podemos entender de duas formas o enunciado “habitar as ruas”: enquanto espaço de interação, de encontro, espaço da *polis*. Espaço de pensar a vida, de relacionar-se com o outro, de construir alternativas de vida de qualidade para todos e não apenas para alguns. E também, como espaço de abrigo, refúgio para aqueles que não moram entre quatro paredes, e têm a rua como casa. O habitar as ruas vem num sentido propositivo de abrimos brechas em nossas relações para o convívio com o outro, com o diferente. Abrir-se a uma cidade múltipla, uma cidade do contato, da vida.

Palavras-Chaves: *cidade contemporânea; política; população de rua; modos de subjetivação; pesquisa-intervenção*

## ABSTRACT

The axes of reflection in this paper are the Contemporary City and Street-Dwelling. Our starting point is the people who are in street situation, but it is our understanding that one cannot isolate the study of the street population without expanding the context to the city and the concept of street-dwelling. We tried to investigate how the process of subjectivation of people in the urban space of the contemporary city takes place, specifically regarding those who live in the streets. Based on the assumptions of interventional research originated from the Socio-institutional Analysis, we established what we called *interventional meeting* with the street population. We tried to bring to the fore a reality that we are not familiar with; and often causes the population in street situation to be viewed in a prejudiced, stereotyped and stigmatized way. Therefore, we widened our scope to present speeches, discourses, texts, talks and dialogues with our interlocutors, in the attempt of mapping out the relationships that occur in the urban space. Thus, there are two ways one can understand the proposition "street dwelling": as a space for interacting; for meeting; a *polis* – a space to reflect on life; to relate to one another; to build quality life alternatives for all and not just for some. And also as a shelter, a refuge for those who do not live within four walls and use the streets as a home. The street-dwelling concept bears a notion that we should breach the walls in our relationships to live with otherness; to open up to a multiple city; a city of connection, of life.

Key words: *contemporary city; politics; street population; ways of subjectivation; interventional research.*

## SUMÁRIO

<b>GENTE – CARACOL: A Cidade Contemporânea e o Habitar as Ruas.....</b>	<b>9</b>
<b>2 PARADA UM – Os Encontros no Mundo da Rua.....</b>	<b>18</b>
2.1 Alice na Cidade de Porto Alegre .....	24
2.2 A Chegada de um Velho Marujo ao CAIS .....	28
2.3 Isabelita e a José do Patrocínio .....	32
2.4 O Encontro com o Boca de Rua.....	35
<b>3 PARADA DOIS – O Convite: um Passeio pela Cidade Contemporânea.....</b>	<b>50</b>
<b>4 PARADA TRÊS – No Sul do Brasil: as Ruas de um Porto Alegre.....</b>	<b>59</b>
<b>5 PARADA QUATRO – A Casa na Rua: Gente-Caracol .....</b>	<b>78</b>
<b>6 PARADA CINCO – O Mundo da Rua: Espaço de Subjetivação.....</b>	<b>88</b>
6.1 Rua Subjetiva .....	89
6.2 Boquinha como Possibilidade de Sonhar.....	95
<b>7 REFLEXÕES FINAIS – Cidade Contemporânea e o Habitar as Ruas.....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO B .....</b>	<b>117</b>

## GENTE – CARACOL: A Cidade Contemporânea e o Habitar as Ruas

*“Viver pode ser uma coisa chata, a gente precisa experimentar o desviver”*

*Cidalice*

Num final de inverno, no meio de um dia como os outros, lá estava eu correndo apressada para dar conta de tudo que eu tinha para fazer. Desci do ônibus e encontrei Cidalice<sup>1</sup>, uma velha conhecida. Cidalice está em situação de rua pelas imediações da Avenida Osvaldo Aranha, circula o dia inteiro pelo bairro Bom Fim e pelo Parque da Redenção. Mostra-se quase sempre animada e disposta a conversar. Ao me ver, vem ao meu encontro e me cumprimenta. Continuamos andando e ela me fala da importância de se comer doces de chocolate, morango e baunilha daqueles que vendem nos restaurantes. Entre todos os doces ressalta, porém, o mais gostoso é o de chocolate. “Rita, se tu for num restaurante pede um doce de chocolate...”, aconselha. Em meio à conversa, Cidalice se distrai e quase atravessa em frente a um ônibus que vinha passando. Seguro-a pelo braço e peço que ela tenha cuidado. Atravessamos e ela continua falando. De repente, pára, me olha nos olhos e pergunta como estou. Digo “ tudo bem!”, apesar de uma série de coisas para fazer (e conto-lhe um pouco do meu dia). Ela me ouve, espera eu acabar de falar e diz: *“Viver pode ser uma coisa chata, a gente precisa experimentar o desviver!”*. E eu concordo. Vou para casa pensando e refletindo sobre a conversa que tivemos, pensando sobre o *desviver!*

---

<sup>1</sup> Todos os nomes de pessoas citados neste trabalho foram trocados.

A partir desse dia, a primavera chegou mais cedo para mim. Experimentar desviver. Abrir brechas na vida, de cada dia, que nos possa fazer parar. Olhar para quem está ao nosso lado. Sonhar! Se permitir sonhar um sonho possível em que todos possam ser respeitados pelo que são, pelo seu ritmo de vida, pela sua maneira de filtrar o mundo e vivenciá-lo a cada dia; de modo que o respeito pelo o que é diferente também possa se fazer presente. Quebrar, nem que por instantes, o ritmo frenético do que nos apontam como vida normal. Se permitir desviver sua história de vida e deixar de lado aquela *devida*. E que cada um possa, a seu jeito, experimentar o desviver!

O encontro com as pessoas em situação de rua desde cedo marcou a minha história. Teve início ainda quando eu era pequena e morava próximo à RS 30 que leva ao Litoral. Lugar de passagem, é certo, de muitas pessoas que iam e vinham de muitos lugares. “O homem do saco que pegava criancinha que não se comportasse” era como me apresentavam àquelas pessoas. Eles povoaram muitos anos de minha infância e provocavam a minha curiosidade para saber mais sobre quem eram, para onde iam.

Com a mudança de Santo Antônio da Patrulha para Porto Alegre, no início dos meus estágios do curso de Psicologia, reencontrei-os novamente. Porto Alegre, enquanto cidade contemporânea, se mostra imponente. Milhares de pessoas passam pelas ruas apressadas, com seus horários determinados, com suas agendas para cumprir. A maioria das pessoas está voltada para si, para seu mundo, para suas obrigações *devidas*. Faz o roteiro diário da casa, trabalho, lazer(?), ou casa-trabalho. E lá em meio aos “apressados” estão aqueles que parecem não ter

pressa nenhuma. Sentam-se em qualquer lugar, circulam de um lugar a outro à procura de água, comida ou alguns trocados. Em muitos casos, montam sua própria casa no espaço da rua.

Do contato com essa realidade da cidade grande veio a necessidade de uma aproximação maior com as pessoas em situação de rua. Foram três anos e meio de estágios em serviços substitutivos junto a Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Primeiro na Pensão Pública Protegida Nova Vida, e depois no Centro de Atenção Integral à Saúde Mental – CAIS Mental 8, junto ao Atendimento Social de Rua da FASC<sup>2</sup>. Realizava atendimento às pessoas portadoras de sofrimento psíquico e em situação de rua, através de visitas semanais denominadas *abordagens de rua*. De lá para cá, não saí mais da rua.

Fui convidada a fazer parte do Jornal *Boca de Rua*, periódico trimestral produzido pela população em situação de rua de Porto Alegre. Participam do *Boca de Rua*, em muitos casos, famílias inteiras. Então se precisou dividir o grupo em: Boca para os adultos e o Boquinha para as crianças e os adolescentes. O espaço do jornal Boca de Rua se constitui num local de escuta e de manifestações de uma população com que pouco estabelecemos contato. “Num primeiro momento, o jornal surgiu com a idéia de “dar voz a quem não tem voz”. Aos poucos, se configurou numa oportunidade de se aproximar de uma população com a qual a gente não falaria normalmente, da qual se estabeleceria conhecimento através de leituras de matérias muito dirigidas nos jornais de circulação. Estariam na editoria da saúde pela questão da AIDS e de outras doenças, ou na editoria de polícia por eles estarem presos, ou por estarem conturbando a ordem, ou por eles estarem sendo

---

<sup>2</sup> FASC – Fundação de Assistência Social e Cidadania.

removidos das ruas, mas a visão mais completa de quem é essa população a gente não tinha.”<sup>3</sup> Hoje, no trabalho com o Boca de Rua entende-se que é preciso mais do que dar voz a quem não tem, é preciso trabalhar para que essa voz seja ouvida. Para isso apostamos na criação de espaços de interlocução na cidade, no qual se possa refletir sobre as diferentes formas de habitar o espaço urbano.<sup>4</sup>

No ano de 2004, iniciei a Residência Integrada em Saúde com ênfase em Saúde Mental Coletiva da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. Neste ano, tive contato com a população de rua junto a um aparelho de internação psiquiátrica. Local no qual pude acompanhar o atendimento desta clientela, bem como seus possíveis desdobramentos na rede de saúde do município de Porto Alegre. Já em 2005, realizei um trabalho na rede de serviços substitutivos de atenção em saúde que atuam direto com a população de rua. Participei das equipes do Atendimento Social de Rua/ Casa de Convivência e do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS Centro no trabalho com a população em situação de rua. Ao final da Residência Integrada em Saúde foi produzida uma escrita a partir da escuta na rua da população em situação de rua, bem como das equipes que trabalham com essa população.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Conversa com a jornalista Clarinha Glock, fundadora junto com Rosina Duarte do Jornal Boca de Rua, e integrante da rede Boca de Rua, que complementa: “como jornalista, quando eu fazia entrevistas, eu sentia que eram muito superficiais, e que não tinham continuidade.”

<sup>4</sup> Em 2004, duas alunas do PPG em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, sob a orientação de Edson Luiz André de Sousa, produziram suas escritas sobre este enfoque: Ana Marta Meira - *A cultura do brincar: a infância contemporânea, o brincar e a cultura no espaço da cidade*, e Janaína Bechler – *Vídeo – Carta de Porto Alegre*.

<sup>5</sup> *Saindo das Caixinhas: Possibilidades e desafios no trabalho em rede com a população adulta em situação de rua de Porto Alegre* – RS, 2006, sob a orientação de Manoel Mayer Júnior. Texto inédito.

Assim, é a partir de minhas experiências com a população em situação de rua<sup>6</sup> aqui apresentadas que proponho construir essa escrita, que diz respeito a uma relação de proximidade com essa população. Escrita itinerante, que segue um movimento próprio, um movimento que aqui designaremos *movimento-do-trecheiro*. Escrita que se passa na rua, no Centro de Atenção Psicossocial, no Atendimento Social de Rua, no Pronto Atendimento Cruzeiro do Sul, no Programa de Saúde da Família sem domicílio, nos Abrigos/Albergues, no Hospital Geral, em espaços de reuniões do Boca de Rua, em reuniões com a rede de atendimento à população em situação de rua, no Centro de Referência às Vítimas de Violência, nos encontros com a população em situação de rua.

Todos esses encontros e olhares se dão sob o palco da cidade contemporânea, que em muitos momentos passa a ser a protagonista desses acontecimentos. A partir dessas premissas, apresenta-se a questão central desse trabalho: *Como se dá o processo de subjetivação das pessoas no espaço urbano da cidade contemporânea e, em especial, daquelas em situação de rua? Quais as relações que se estabelecem entre o público e o privado para quem tem a rua como moradia? E mais, que casa é esta? Como se configuram os modos de existência de quem rompeu com a lógica urbana da casa e do trabalho e passou a ter na rua um espaço de convívio permanente?* Esses questionamentos estão elaborados a partir da idéia de rua como dispositivo de subjetivação: rua esta que agencia modos de viver.

---

<sup>6</sup> Optamos em não trabalhar com a categoria “morador de rua” numa tentativa de romper com o estigma associado a essa palavra, como: o mendigo, o vagabundo, o marginal, o perigoso, o preguiçoso que não quer trabalhar, que está na rua porque quer... muitas vezes naturalizado em nosso cotidiano.

## Movimento – do – Trecheiro

Para seguirmos adiante *Sob o Céu da Cidade* proponho um movimento que vem de um termo utilizado na rua: *movimento-do-trecheiro*. A palavra trecheiro se refere àquele que vive no “trecho”, naquela parte da rua demarcada como seu território.

O *movimento-do-trecheiro* traz consigo a idéia de *movimento e parada* que aqui adotaremos. Pôr-se a caminho, iniciar uma caminhada pela cidade contemporânea traduz a idéia de *movimento*. O deslocamento excita a imaginação, indaga, perscruta, liberta lembranças e emoções, como nos diria Antônio Arantes (1993). A *parada* é designada pela idéia de trecho, parar momentaneamente, respirar, contemplar o que se passa ao redor e focar, atentamente, os movimentos e olhares que se instauram *Sob o Céu da Cidade*. Desta forma, o *movimento-do-trecheiro* marca o compasso e dá o ritmo da nossa caminhada daqui por diante.

Vertigem é a sensação que vem e invade todo o corpo. Seguir caminhando num ritmo manso, vai para lá, e vem para cá, e seguir sem destino. Um ritmo inebriante subverte os sentidos e abre o solo a frente. Olhar ao redor e ver que tudo se move na velocidade da instantaneidade do acaso. Esquinas que se cruzam, ruas infinitas de uma cidade que se compõe na multiplicidade de tantas outras. Cidade de cada olhar, cidade de cada andarilho que passa sem seguir os trilhos da estação. E, num ritmo sorrateiro, de um dedilhar de violão, compõem uma melodia

única: a dos passos espaçados que rompem lentamente a multidão. Do meio, do centro aparecem esses corpos. Visão! Visibilidade talvez seja o que mais falte para dar contorno a esses seres desconhecidos que se mesclam à paisagem urbana.

O contato com a rua e com as realidades que ali se apresentam, para além da cobertura de um fino véu que a obnubila e nos protege, instaura uma sensação de vertigem, de embriaguez, ou como diria Douglas,<sup>7</sup> de euforia da rua; que nos fere os sentidos e embaralha nossa percepção do que ali se passa. Por isso, faz-se necessário dar atenção a um outro dizer da rua *devagar e sempre*.

A caminhada segue, então, inspirada no *movimento-do-trecheiro* que com passos espaçados rompe lentamente a multidão. *Sob o Céu da Cidade*, caminharemos com o povo da rua adentrando trechos, mocós, ruas, histórias de vida nesta travessia em busca de olhares, narrativas, gestos, expressões corporais que compõem os modos de existir na cidade.

Aviso aos caminhantes: Aqui não pretendemos dizer o que é a população de rua, o que significa a vida na rua, ou tantos outros “o que é”. Este estudo e análise dos modos de subjetivação das pessoas na cidade contemporânea e, em especial, daquelas em situação de rua, pretende ser um meio de fazer emergir os discursos e as narrativas dos habitantes das ruas. E mais, compor novos vislumbres do tema partindo de um pensar em construção, que pressupõe a flexibilidade da escuta, na perspectiva de montar um mosaico, através de pequenas “peças” do cotidiano, que se fazem notar pela desnaturalização do óbvio e da

---

<sup>7</sup> Encontraremos com Douglas, um pouco mais, na Parada Cinco - O Mundo da Rua: Espaço de Subjetivação.

consideração do momento histórico em que vivemos. Tem por intuito, ainda, contribuir com as políticas públicas de atendimento a essa população.

Desta forma, cabe apresentar o mosaico das cenas que irão compor as linhas de reflexão desta escrita sobre a vida como ela é vista pelos habitantes das ruas e o que se produziu a partir deste *encontro-intervenção*.

O conceito *encontro-intervenção* que utilizamos neste trabalho está associado à idéia de trabalho/pesquisa/intervenção oriunda da Análise Institucional Socioanalítica. Destaco que o que interessa na pesquisa-intervenção são os movimentos, as metamorfoses não definidas a partir do ponto de origem e um alvo a ser atingido, mas como um processo de diferenciação. Não há mais sujeito e objeto, mas processos de subjetivação e objetivação, criação de planos que ao mesmo tempo criam sujeitos/objetos, que se revezam. Em se apostando no caráter sempre intervencionista do conhecimento, em todos os momentos todo conhecer é fazer, conforme Barros e Passos (2000). *Encontro – intervenção* diz da possibilidade de instaurar um olhar de estranhamento frente ao familiar, de dentro da cena produzir quebra ao cotidiano linear. Abrir espaço para criar, inventar espaços de parada. Partiremos da (re)montagem de cenas, lembranças, conversas, (des)encontros, reuniões, manifestações, pois acreditamos na potência de transmissão. Optamos pela apresentação de vinhetas analisadoras que servirão como ponto de partida para explicitar e provocar algumas reflexões. Elas abrem espaço para as vozes da rua e nos ajudam a refletir sobre o trabalho realizado e a análise de nossa implicação.

Constatamos assim, que pensar *A Cidade Contemporânea e o Habitar as Ruas* implica em deixar-se permear pela diversidade da vida nas grandes cidades. Acompanhar e delinear os movimentos que se produzem, mas também abrir brechas para pensar as relações que se estabelecem *Sob o Céu da Cidade*. Pensar a população em situação de rua não se dá de forma isolada. A conexão com as relações que daí se produzem, ou não, também se mostram fundamentais nessa escrita. Abriremos espaço para a população em situação de rua como meio de deixar falar, trazer uma realidade com a qual pouco temos contato e, na maioria das vezes, já estamos impregnados por uma visão estereotipada, estigmatizada de quem seja a população em situação de rua que habita nossas cidades. Baseados nisso, podemos entender de duas formas o enunciado “habitar as ruas”: enquanto espaço de interação, de encontro, espaço da *polis*. Espaço de pensar a vida, de relacionar-se com o outro, de construir alternativas de vida de qualidade para todos e não apenas para alguns. E também, como espaço de abrigo, refúgio para aqueles que não moram entre quatro paredes e têm a rua como casa.

No decorrer do trabalho apresentaremos uma contextualização da cidade contemporânea conforme a delineamos; um breve histórico da cidade de Porto Alegre em relação às classes mais pobres e a vida na rua; a ocupação da rua enquanto espaço de moradia e a constituição de uma casa na rua; e assim o mundo da rua enquanto espaço de subjetivação. Iniciamos nossa caminhada rumo aos encontros no Mundo da Rua.

## 2 PARADA UM

### Os Encontros no Mundo da Rua

*Em seus edifícios, quadros e narrativas, a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura.*  
Walter Benjamin

Sair à rua encontrar pessoas, instalar-se na multidão, sentir os cheiros, os sons e os barulhos do movimento da rua de uma cidade grande: Porto Alegre. Abrir-se para o encontro. Caminhar *junto* e a partir daí rumar para um processo de *transição*. Colocar-se em trânsito, na passagem, e por vezes em transe. Um trabalho que, sem dúvida, se dá numa eterna *travessia* que almeja contato, encontro. Na rua, o que mais fascina e desassossega nessa travessia é seu percurso inebriante. Claros são os objetivos e as metas a alcançar, mas tudo muda, transforma-se ao início do percurso da caminhada. O encontro exige flexibilidade e abertura ao que virá, sem moldagens prévias. Assim, cada instante é único, e o lugar de onde se fala precisa ser construído aos poucos.

Daí surge à necessidade do olhar estrangeiro, daquele que chega e é diferente, o estranho num lugar em que todos se conhecem. Essa idéia é contrária a toda uma série de posicionamentos sociais que colocam as pessoas em situação de rua como estranhas que precisam de uma ação de recolhimento da rua e sejam incluídas à parte normal(izante) da cidade. Cabe esclarecer que não se defende aqui *uma escolha pela rua*, ou a rua enquanto *um lugar* de moradia, mas como possibilitar formas de intervenção que se aproximem da população em situação de rua sem violentá-los. Desta forma, o estrangeiro parte em busca de pontos de

interlocução possíveis. Para tanto, tornam-se fundamentais alguns pressupostos orientadores, como abrir-se para o novo, seguir os fluxos alheios, deixar-se afetar, desinvestir o narcisismo, suportar a ignorância para não precipitar um saber que aliena, como diria Palombini (2004, p. 81).

Nessa busca de uma maior aproximação desse outro híbrido-familiar, a travessia sofre constantes modificações. Exige que se estabeleça abertura para um processo de interação, de aproximação, de trocas. Implica sim, permitir ser tocado, acarinhado e em muitos momentos perturbado, ter abaladas muitas certezas de rumo pré-estabelecidos; o que não quer dizer mesclado, misturado, absorvido pelo outro, mas implicado<sup>8</sup>. Assim, uma sutil névoa toma conta dos movimentos e envolve a linha tênue que separa esse *encontro- intervenção*.

O percurso da *travessia*<sup>9</sup> está baseado na filosofia fundante: *seguir junto*. Acompanhar a travessia, estar com, sem fazer por. O caminho é diverso. Planícies, montanhas, lagos e mares fazem parte do trajeto. Por vezes largo e de fácil acesso, bosque florido que lentamente, ao nascer do sol, aquece plantas e flores que crescem despreocupadamente. Mas, por outras, o caminho torna-se mais difícil. Tempo fechado, raios e trovões intimidam os viajantes. O percurso torna-se tortuoso, trilha íngreme que emperra a passagem. Então é preciso parar, respirar, contemplar

---

<sup>8</sup> Utilizamos um entendimento de implicação segundo as contribuições da Análise Institucional. A análise das implicações coloca-nos a questão da necessária análise das relações que temos com o mundo, com o nosso campo de trabalho, com a nossa vida; refere-se, ainda, à importância das coisas serem analisadas em situação, no vivido. (R. Lorau in Ozório, 2003). Concordamos ainda com as idéias defendidas por Lúcia Ozório, 2003, quando diz que a implicação refere-se também às minhas disposições, ou seja, aos meus investimentos enquanto sujeito do inconsciente que tem algo que pulsa.

<sup>9</sup> A idéia de travessia deste estudo está associada aos conceitos desenvolvidos por Aldaíza Spozati na palestra de abertura da 6ª Conferência Municipal de Assistência Social de Porto Alegre, no ano de 2005: Travessia enquanto possibilidade de trabalhar com o potencial, permitir possibilidades de autonomia. Caminhar em direção a outra margem.

o ambiente, retraçar as metas, reorganizar todo o planejamento e avaliar a possibilidade da travessia, como até então. E a partir daí tecer uma outra *trama* que possibilite a continuidade da *travessia*.

Vem somar-se ao percurso da travessia o conceito de estranhamento frente ao óbvio, que se dá num exercício constante de desnaturalização do que está dado, como o “é assim mesmo”.

Silva (2002, p. 9) traz a idéia de que “o encontro com algo que nos força a pensar denota a estreita relação entre vida e pensamento, e constitui-se assim no primeiro movimento para a invenção de um problema”. Trilhar o caminho da invenção, criação, nos leva a pensar no poder constituinte de Toni Negri.

O poder constituinte se define emergindo do turbilhão do vazio, do abismo da ausência de determinações, como uma necessidade totalmente aberta. É por isto que a potência constitutiva não se esgota nunca no poder, nem a multidão tende a se tornar totalidade, mas conjunto de singularidades, multiplicidade aberta. (NEGRI, 2002, p. 26)

Edson Sousa, no seu texto *A Burocratização do Amanhã*, nos fala que o poder constituinte estaria, na álgebra de Negri, muito próximo da lógica que anima os processos de criação, os quais resistem com unhas e dentes às determinações reducionistas das significações instituídas. Este poder deriva das condições de enunciação do sujeito. “Deriva” que desconhece qual o ponto de destino do percurso. Viagem, portanto, sujeita a todas as surpresas. Viagem-poiética. Neste processo de criação poderíamos sublinhar duas articulações essenciais:

- o ato criativo como ato político
- o ato criativo como ato utópico, mas uma utopia que não se apresenta como constituída. Utopia, portanto, próxima das definições de Negri de poder constituinte, assinalando aquilo que faz mal-estar ao redirecionamento das forças de vida<sup>10</sup>.

Ou, como diria Toni Negri, uma desutopia, ou seja, o sentido de uma atividade constitutiva transbordante, intensa como a utopia, mas sem ilusões, plena de materialidade. (NEGRI, 2002, p. 27)

A acolhida do encontro com o diferente nos leva a pensar<sup>11</sup> e a não sucumbir às “determinações reducionistas das significações instituídas”<sup>12</sup>. Apostamos, então, na instauração de uma relação utópica com a cidade. Na idéia de utopia trabalhada por Edson Sousa, na qual a função vital da utopia se dá não como a forma última do paraíso, mas a necessidade ética de buscar um outro mundo a partir de uma crítica ao presente<sup>13</sup>. Uma utopia do movimento, do não formatado, do não pré-estabelecido, do não-instituído, mas do instituinte. Utopia que nos traz um desassossego frente ao presente, e nos faz “voltar a se inquietar com uma responsabilidade esquecida nos contratos assinados de trabalho e encontrar a força do agir em alguns contra-fluxos de pensamentos e ações.” (SOUSA, 2006, p.8).

E assim, poderíamos acompanhar Toni Negri quando ele nos diz que,

---

<sup>10</sup> SOUSA, Edson. A Burocratização do Amanhã. [2006?] p.4. Texto inédito.

<sup>11</sup> Aqui trabalhamos com uma idéia de que “pensar é transpor”, segundo Ernest Bloch, em Princípio Esperança, 2005.

<sup>12</sup> Sousa (2006, p.4)

<sup>13</sup> Sousa (2006, p.5)

O poder constituinte não apenas não é (como é óbvio) uma emanção do poder constituído, como também não é uma instituição do poder constituído: ele é ato de escolha, a determinação pontual que abre um horizonte, o dispositivo radical de algo que ainda não existe, e cujas condições de existência pressupõem que o ato criador não perca suas características de criação. Quando o poder constituinte desencadeia o processo constituinte, toda determinação é liberada e permanece livre.(NEGRI, 2002, p.36)

Já diria o próprio Negri que o princípio constituinte é, então, a liberdade<sup>14</sup>.

Para Hanna Arendt,<sup>15</sup> citada por Negri, “a coincidência da idéia de liberdade com a de ‘novo começo’ ou evento é capital para a compreensão de toda revolução moderna.”

O que se torna então esta liberdade? Pergunta que o próprio Negri nos ajuda a pensar quando ele diz que a liberdade torna-se espaço público, constituição de uma relação comunicativa, das suas condições de possibilidade e, portanto, da sua potência. É *polis*. A liberdade é um começo que põe as suas próprias condições. O direito de comunidade domina todos os outros, do direito à vida às especificações do direito à propriedade, de tal modo que ele é ao mesmo tempo princípio constituinte e constituído. E Negri ainda acrescenta: “somente a reconstrução do real, isto é, a constituição do espaço público, permite o renascimento revolucionário, ou seja, que a busca da felicidade se torne possível”<sup>16</sup>

Imaginemos a constituição do espaço público que abra espaço para todos, a multiplicidade e a diversidade, espaço de potência do qual nos fala Negri.

---

<sup>14</sup> Negri, 2002, p. 28

<sup>15</sup> Arendt, Hannah apud Negri (2002, p.58.)

<sup>16</sup> Negri, 2002, p.29

Espaço em que se agenciam encontros, contatos, na perspectiva de que a “busca pela felicidade se torne possível”.

Os encontros que seguem foram escolhidos de meu diário de campo. Apresento-os na forma de vinhetas para que possam servir de base para a reflexão e ancoragem da escrita. O contato com cada um desses personagens tem uma história – que não traremos aqui – e se passou em diversos lugares. Todos têm em comum a realização de meu trabalho com a população em situação de rua junto ao Serviço de Atendimento Social de Rua – ASR e ao Centro de Atenção Psicossocial.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Locais onde atuei junto as equipes no trabalho com população de rua, primeiro como estagiária, depois como residente. As vinhetas não serão apresentados numa ordem cronológica, seguindo uma seqüência dos acontecimentos. Lembro que os nomes apresentados são fictícios.

## 2.1 Alice na Cidade de Porto Alegre

*Vocês me levam depois de volta pra casa, né? Pergunta que Alice nos fazia a todo momento porque achava que estávamos indo longe demais...*

*Alice passava o dia deitada em frente à Igreja São Pedro. Embaixo de um cobertor, em dias quentes ou chuvosos, ali permanecia por horas. Não se comunicava com ninguém, se fechava em sua **casa-coberta**. Nas primeiras vezes em que nos aproximamos dela, não quis muita conversa: desconfiada, pediu que fôssemos embora, pedimos para voltar outro dia, ela aceitou. Nos próximos encontros Alice pareceu-nos mais receptiva. Com um tom alto de fala parecia que iria nos agredir, mas logo explicou que tinha “problema de surdez”. Tranquilizamo-nos com a notícia. Alice contou que tinha uma dor no coração e tinha medo de que ele parasse de bater, nos perguntou se era grave. Dissemos que seria importante ir a uma consulta médica, fazer uns exames para tirarmos as dúvidas. Ela nos olhou e perguntou se era obrigada. Falamos que obrigada não era. Assim seguimos por semanas, com visitas marcadas, nas conversas com perguntas e respostas repetidas. Até que um dia resolvemos responder que **sim**, ela era obrigada a ir ao médico, porque iria lhe fazer bem. Inacreditavelmente, ela nos olhou com os olhos arregalados e diz: Tá bem, eu quero que me levem ao médico. Acompanhar Alice até o CAPS Centro foi, no mínimo, uma questão inusitada. Alice conhecia todos os bairros da cidade, e questionava para onde a estávamos levando, e se principalmente a levaríamos de volta, porque achava que estávamos indo longe demais de onde ela ficava. Combinamos que ficasse tranqüila, pois a levaríamos de volta, sim. A segunda parte foi na chegada ao CAPS, todos a olhavam com estranheza, quem seria aquela mulher, indagavam alguns, ou olhares que diziam muito mais do que palavras... Alice consultou com um psiquiatra. Estabeleceu uma conversa em que me elegeu como intérprete. Não conversava diretamente com o médico, falava comigo, pedia que eu escrevesse as perguntas que ele fazia num papel, e ela as respondia. Levamos Alice no final da consulta de volta para “casa”.*

O acompanhamento de Alice nos leva a pensar sobre a questão da demanda para o atendimento, ou melhor, de quem é a demanda quando falamos em atendimentos em saúde mental às pessoas em situação de rua. Acreditamos que seja possível estabelecer relações entre a Clínica da Rua e a Clínica da Reforma Psiquiátrica no momento em que ambas apostam na possibilidade de vida para além da institucionalização, no atendimento singularizado, na constituição do atendimento caso a caso, e na potência de estabelecer conexões com a cidade e relações com o outro, como composições de saúde. Num conceito ampliado de saúde que articula

os princípios do Sistema Único de Saúde – SUS em cada caso concreto: integral, equitativo, universal, participativo e garantidor de acesso aos bens e serviços por meio de políticas econômicas e sociais.

Trabalhamos com a idéia de uma Clínica da Rua associada ao conceito de clínica-política trabalhado por Regina Benevides.<sup>18</sup> A autora destaca que no coletivo não há propriedade particular, pessoalidades, nada que seja privado, já que todas as forças estão disponíveis para serem experimentadas. A experiência clínica se dá na experimentação do plano coletivo, experimentação pública. A presença de imprevistos é entendida como potencializadora, pois nos lança na criação de novos recursos: a lidar com a vida como ela é. Afetar-se pelo caos pode produzir rupturas com o que está instituído e possibilitar processos de singularização: outras construções possíveis, que implicam ampliação da vida. Por outro lado, não é um caminho que cabe à psicologia trilhar só. A composição com outras áreas do conhecimento vem a enriquecer essa trajetória, uma vez que não se parte apenas de um olhar psi(cologizante) do sujeito que está na rua, mas de um olhar que se desloca para o processo de subjetivação da população em situação de rua.

Podemos inferir, então, que a demanda de atendimento é uma demanda coletiva. Na especificidade dos atendimentos na rua, inicia-se com a demanda da sociedade que solicita o atendimento, tendo continuidade pelo ASR<sup>19</sup>, composta de uma única equipe, por turno, para toda a cidade. A escuta e a tentativa de vínculo

---

<sup>18</sup> Segundo Benevides, (2005, p.6) é na interface clínica-política que encontramos com modos de produção, modos de subjetivação e não mais sujeitos, modos de experimentação/construção e não mais de interpretação da realidade, modos de criação de si e do mundo que não podem se realizar em sua função autopoietica. BENEVIDES, R. A psicologia e o Sistema Único de Saúde: quais interfaces? ( no prelo)

<sup>19</sup> ASR - Atendimento Social de Rua.

que daí decorre constituem o modo de trabalhar com a demanda do jeito que ela nos chega. A partir da escuta do usuário, delineia-se uma história, um percurso a ser construído dali em diante, em um plano de intervenção e de co-responsabilidade.

Muitos encontros se estabeleceram na seqüência do atendimento, até que um dia Alice, muito séria, aproximou-se e disse: tenho um assunto e quero saber se vocês podem me ajudar. Eu quero morar numa casa, vocês podem dar um jeito nisso? Falamos que tínhamos que conversar melhor sobre o assunto. Alice já vinha dormindo à noite no Albergue Municipal, fato importante na sua história, pois se negava veementemente a sair de sua *casa-coberta*. Foi preciso paciência<sup>20</sup> e respeito ao ritmo de Alice para que pudéssemos aguardar seu processo de mudança. Levá-la a um passeio pelas ruas, pelos bairros, ao serviço de saúde da cidade, mas também poder ouvir o quando ela nos perguntava *se a levaríamos de volta, porque achava que estávamos indo longe demais de onde ela ficava*. Estabelecer combinações e cumpri-las tem uma função essencial no trabalho que desenvolvemos, é construir aos poucos um lugar de confiança mútua, de respeito à singularidade do outro. Mesmo que o resultado dessas combinações não traga aos olhos da população em geral, “o sucesso” da intervenção que seria a saída da rua. Sabemos que, trata-se muito mais do que a simples retirada da rua, a questão esta pautada no estabelecimento de laços que possam resgatar um processo de vida. Passou algum tempo, por problemas de transporte – falta de carro disponível – tivemos dificuldade de ir ao encontro de Alice. No nosso último encontro ela nos disse que estava mais próxima do irmão<sup>21</sup>, que “*bebia muito e não era muito bom da*

---

<sup>20</sup> Paciência aqui no sentido de estabelecer um outro tempo, um tempo desacelerado, desconectado com a velocidade dos acontecimentos da cidade contemporânea. A experimentação do tempo da *casa-coberta* muito colado à própria Alice e às divagações de seu mundo.

<sup>21</sup> O irmão de Alice também se encontra em situação de rua

*cabeça.*” Achava que ia mudar de endereço, ia para a Rua Protásio Alves, a convite do irmão, trabalhar com papelão. Pedi que nos avisasse antes de ir para que pudéssemos manter contato. Cerca de um mês se passou quando voltamos a visitar Alice, mas ela não estava mais no local que costumava ficar. Resolveu seguir seu caminho, talvez tenha se cansado de esperar?

Desencontros como esse com Alice aparecerem de forma marcante nos acompanhamentos na rua. Falam das dificuldades de se conseguir manter combinações quando os recursos públicos destinados para a realização do trabalho são falhos. A falta de transporte, espera de consertos ou licitações parecem questões simples, mas muitas vezes determinam a continuidade, ou não, do acompanhamento. Desta forma, vale apontar que cada encontro na rua é vivido com muita intensidade, pois nada garante que ele terá continuidade. O tempo que passamos com Alice sem dúvida foi muito importante para ela, e também para nós. Esperamos que num dia desses, em meio a tantos (des)encontros, possamos voltar a encontrar Alice pela cidade.

## 2.2 A Chegada de um Velho Marujo ao CAIS

*Olhou demoradamente o reflexo de sua imagem, passou as mãos nos cabelos, no seu rosto, e disse: “já faz tanto tempo”... - Seu Chico*

*Manhã fria na cidade de Porto Alegre. Já se podia sentir o frio do inverno chegando. No CAIS Mental 8, como em todas as quintas-feiras, a Oficina de Pintura<sup>22</sup> estava iniciando. Os participantes com seus casacos grossos faziam o que podiam para se manterem aquecidos, fechando todas as aberturas do sótão. Tudo ocorria como de costume: arrumávamos as tintas e os papéis para que a atividade tivesse início. Até o momento em que se ouviu na escada passos arrastados que subiam lentamente... Ainda não se podia ver quem chegava, mas já se podia sentir um forte cheiro de ser humano que há muito tempo deixara de fazer sua higiene. O odor infestou todo o ambiente, no mesmo instante se avistou um senhor branco na casa dos sessenta anos de idade, maltrapilho, escurecido pela sujeira e fuligem; cabelos desgrehados que chamavam a atenção pela cor avermelhada. Carregava consigo duas latas de ervilhas grandes que continham seus chás feitos com “matinhos e urina”. Imagem que num primeiro olhar assustava todos que ali estavam, idéia que logo se dissipava ao brilhar de seus olhos e quando um sorriso largo aparecia em seu rosto.*

Ali estava Seu Chico. Muito tímido, se aproximou da mesa em que os usuários estavam trabalhando, o apresentamos aos outros que o olhavam com uma expressão num misto de susto e indagação sobre o que estaria “esse senhor” fazendo ali. Seu Chico, por sua vez, apenas sorriu e mostrou-se simpático ao grupo. Só ao ser indagado de sua preferência sobre algo, é que se pôde notar que ele possuía uma fala incompreensível. Na sua resposta, ouvia-se apenas grunhidos que, por mais esforço que se fizesse, era em vão – não se entendia nada do que ele tentava verbalizar.

---

<sup>22</sup> A oficina de Pintura é uma das oficinas dedicadas àquelas pessoas que estão em atendimento na modalidade intensiva no CAPS. Apresenta-se como um espaço de livre expressão no qual, através das tintas e suas cores, como também de lápis preto, de cor, giz de cera, cola colorida e dos mais variados objetos, o usuário pode se expressar.

Sentou-se e, ao estabelecer contato com as tintas e o papel mostrou uma intimidade impressionante. Misturou cores, inventou tonalidades e criou euforicamente sobre o papel. Logo começam a aparecer casas, carros, prédios, navios e tantas outras coisas. Os participantes da Oficina aos poucos começaram a observá-lo de outro modo, e um clima mais descontraído surgiu. Interessaram-se em saber mais sobre ele: o que fazia, onde vivia... respostas, que nesse primeiro momento, ficaram em suspenso. Tentaram o diálogo dentro do possível. Notaram que Seu Chico não estava muito aquecido pelas roupas leves que trajava e se propuseram a trazer algumas roupas mais quentes, aproveitaram e sugeriram que tomasse um banho antes de vir para oficina e, quem sabe, trocasse de roupa (por favor!). Aos poucos, Seu Chico cativou a todos com seu sorriso meigo e com a beleza de seus desenhos.

No final dessa oficina, quando todos já lavavam seus pincéis, Seu Chico encontrou o espelho grande que ficava num canto da sala. Apressado, passou por ele e voltou, olhou demoradamente o reflexo de sua imagem, passa as mãos nos cabelos, no seu rosto e disse: “já faz tanto tempo”.

A partir daí, Seu Chico se tornou um freqüentador assíduo da oficina. Na oficina da semana seguinte já se observaram mudanças. Seu Chico chegou de banho tomado e roupas limpas. Sua linguagem através da arte se instalava para suprir a ausência da linguagem verbal. Ao mesmo tempo, notamos que se esforçava em busca de uma fala, de um contato com o outro. O ajeitar-se em frente do espelho passou a ser um ato freqüente, um olhar sobre si mesmo que se dava pelo olhar primeiro do outro – enquanto grupo – que pôde olhá-lo de outro lugar, para além

daquele do estereótipo do morador de rua e que afirmou que ele poderia sim, ter espaço em outros grupos, como aquele do grupo da oficina de pintura.

Com o tempo, a história de Seu Chico começou a ser delineada através da história de seus desenhos que chamavam atenção pela presença de vida, traziam figuras, objetos e suas lembranças. Ilustravam a história de um passado no interior do Estado. Segundo ele, morava numa casa grande e trabalhava numa oficina de carros. Mas também de um presente que retratava o cotidiano das ruas, as agressões e os maus tratos sofridos na rua. Aos poucos foi resgatando seu processo de fala a partir da necessidade de comunicar-se com o outro. Pôde nos contar que possuía os cabelos avermelhados porque queimava com fogo, porque já tinha alguns cabelos brancos e deles queria se livrar. Nós o convidamos a participar da Oficina de Beleza para poder tingir seus cabelos da cor que quisesse. Aceitou e passou a comprar e a trazer sua própria tinta, pois, segundo ele, no serviço “só tinha tinta braba”. Seu Chico continua freqüentando o CAPS, tem se inserido em grupos e feito várias parcerias. Continua morando nas imediações do Fórum Central de Porto Alegre, local em que, por vontade sua, quis permanecer.

O processo de travessia de Seu Chico contou muito com o olhar do outro, que pôde olhá-lo para além daquele que estava ali jogado na calçada a mercê de todos, mas ao mesmo tempo muito voltado a si mesmo, a suas coisas, suas idéias, a seu mundo. O convite para um passeio pelo mundo dos “ditos normais” mereceu a atenção de Seu Chico depois de mais de dois anos de acompanhamento, nos quais ele se negava a aceitar qualquer tipo de aproximação. A formação de vínculo e posterior continuidade de visitas semanais só se fizeram possíveis frente à

persistência e à confiança no trabalho realizado pela equipe do Atendimento Social de Rua que conseguiu ver para além daquele maltrapilho que atirava pedras contra todos aqueles que tentassem dele se aproximar. E mais, realizar uma aposta no sujeito que estava ali, escutá-lo e respeitá-lo em sua singularidade e acompanhá-lo em sua trajetória na rua.

## 2.3 Isabelita e a José do Patrocínio<sup>23</sup>

*Será que nunca viram? Não têm vergonha de ficar olhando? Isabelita*

*Encontrei Isabelita deitada próximo a uma padaria. Esperei até que ela acordasse. Dormiu até às 9h 30min. Só acordou porque estavam lavando a calçada. Usava uma camiseta branca limpa e tênis. Juntou suas coisas e pôs num canto da calçada mais adiante. Pela primeira vez me perguntei o que eu estava fazendo ali. Estive a ponto de desistir. Como me aproximaria, o que diria? E se ela fosse agressiva? Nessa hora, muitos "e se..." estavam presentes. Não sabia o que poderia acontecer. Foi quando resolvi atravessar a rua. Tremia de corpo inteiro. Bom, ali estava eu... Me aproximei dela e perguntei como estava. Ela disse, de forma resumida, que estava bem. Conversamos um pouco e logo se despediu dizendo que precisava ir. Resolvi acompanhá-la. Ela foi até o Largo dos Açores e lá começou a lavar roupas. Depois de terminar essa tarefa, sem se preocupar com minha presença, tirou toda roupa e se pôs a tomar banho no "lago verde"<sup>24</sup>. Banho demorado, denotando uma higiene caprichada. Começou a secagem do corpo com a maior paciência - como se estivesse no banheiro de sua casa - e sem nenhuma preocupação com aqueles que por ali passavam e a olhavam com estranheza. A visualização deste fato, que há muito já era comentado por várias pessoas, causou em mim muito impacto. Cenas como estas não deixam de mexer com algo da ordem do inesperado. Não sei se poderíamos falar da falta de pudor, enquanto um ato de abalo à moral, se pensarmos nas condições de que Isabelita dispõe. Sei que cenas assim não gostaríamos de presenciar, que ferem os olhos de quem vê de diversas maneiras. Senti como se não devesse estar ali presenciando seu banho. Não havia sido convidada, me senti intrusa, invadindo seu espaço. Mas, ao mesmo tempo, o que me aliviava era o fato de que muitas pessoas, carros e ônibus também passavam por ali e compartilhavam o que eu via. Naquele momento, o que eu mais queria era que ela acabasse logo com o banho, saísse daquela água suja. Mas ela parecia não ter nem um pouco de pressa e ficou lá por muito tempo...*

O espaço da rua, no caso de Isabelita, é delimitado por paredes invisíveis que são erguidas para a realização de atividades próprias de uma casa - banho por exemplo. O acompanhamento de Isabelita ensinou-me a respeitar esse espaço íntimo, mesmo que público.

<sup>23</sup> Isabelita tem um papel importante na minha trajetória com a população em situação de rua, foi com ela que iniciei meu trabalho, e de quem guardo lembranças com carinho.

<sup>24</sup> "lago verde"- nome dado pela população em situação de rua ao Largo dos Açorianos de Porto Alegre.

Algum tempo depois, conversando com Isabelita, ela contava-me com indignação sobre sua ida ao "banheiro" (ou seja, no muro da esquina). Seu argumento de que "preciso ir fazer minhas necessidades" era acompanhado de sua reclamação acerca das pessoas que passavam por ali e não paravam de olhar para ela. Enquanto isto, Isabelita perguntava aos transeuntes: "Será que nunca viram? Será que não têm vergonha de ficar olhando?".

Talvez suas perguntas pudessem ser ampliadas. Nessas situações, de quem é a vergonha? Daquele que não tem casa, banheiro e privada, para no *espaço privado* do seu lar fazer suas necessidades? Ou é daqueles que estão passando pela rua, distraidamente, e se deparam com alguém no canto da calçada com as calças arriadas fazendo suas necessidades? Realmente, quando se borram os limites do público e do privado fica difícil de estabelecer parâmetros que venham apontar caminhos éticos do que seja o direito de quem e por quê... Lembro então da jornalista Rosina Duarte<sup>25</sup> que traduz esse paradoxo de (in)visibilidade em que está inserida a população de rua. Os moradores de rua vivem sob os narizes da população. São participantes de um *reality show* autêntico, cujas câmaras são os olhos da população. Contraditoriamente, porém, as pessoas desviam o olhar e atravessam a rua quando cruzam o caminho de um morador de rua, o que lhes produz a sensação de invisibilidade. Sensação, aliás, muito justificada, pois estas populações costumam ficar de fora de grande parte das políticas públicas, do planejamento da cidade e até do censo populacional<sup>26</sup>. No Capítulo O Mundo da Rua: espaço de subjetivação trabalharemos um pouco mais esta questão.

---

<sup>25</sup> Jornalista Rosina Duarte companheira do Jornal Boca de Rua.

<sup>26</sup> De acordo com o texto-base do projeto do Jornal Boca de Rua, Porto Alegre, 2005. Texto inédito.

Os encontros com Isabelita falavam de um outro modo de vida a que não estava acostumada. Em uma oportunidade, eu a acompanhei para fazer um exame de sangue. Ao chegar ao laboratório, estava um pouco preocupada com o modo que ela reagiria no momento da coleta de sangue. Na sala de espera, Isabelita mexia-se de um lado para o outro. Quando conversava com ela, ficava mais calma. Quando chamaram seu nome, pediu que eu fosse junto. Já coletando o material, talvez eu me sentisse mais ansiosa do que ela, embora procurasse não demonstrar. O atendente parecia compartilhar de meus pensamentos, pois não conseguia fazer o procedimento. Aqueles instantes duraram uma eternidade. Quando acabou, aliviada eu disse: “Nossa... que moça corajosa, conseguiu agüentar firme!”, e ela me respondeu de imediato: “Claro, né, tu estavas comigo!”. Fiquei calada, apenas sorri. Apesar de todos os meus receios, Isabelita me dizia que confiava em mim, no meu trabalho, e que a relação que havíamos construído estava consolidada. Mais uma vez, o processo de vinculação mostra-se como base para o trabalho com a população em situação de rua. A partir dele, se instaura a possibilidade de fala e escuta, bem como, a construção de um caminho compartilhado, no qual as mudanças venham fazer parte da trajetória produzindo diferenças na história de vida das pessoas que acompanhamos.

## 2.4 O encontro com o Boca de Rua

*“É por isso que a gente faz o jornal: pra mostrar para a sociedade que a gente também é gente, que a gente não é lixo!” João, integrante do Jornal Boca de Rua.*

Sem dúvida, a lembrança do Boca de Rua é perpassada por sentimentos e sensações muito intensas que a tornam difícil de ser traduzida em palavras. Esforço-me para lembrar da primeira vez que tive contato com o Boca de Rua. Já fazem quase quatro anos. Acredito que a dificuldade de lembrar não esteja associada a um distanciamento de um tempo cronológico, mas pela intensidade de um tempo dos acontecimentos. A experiência com o Boca de Rua está perpassada pela instantaneidade dos acontecimentos da rua. *Tudo é vivido no agora.* Aos poucos, percebo que nesse tempo de convivência com o grupo Boca de Rua muitas coisas aconteceram. E o desafio maior dessa escrita talvez seja o de narrar o vivido, tornando-o experiência para que possa ser compartilhada.

Primeiro, é preciso dizer que o projeto Boca de Rua produz um efeito sobre aqueles que dele se aproximam. A relação que se estabelece com o grupo é muito visceral. O contato com a dura realidade da rua, e com pessoas que nela vivem, é por demais impactante. O grupo do Boca de Rua é formado por 32 adultos e 15 crianças e adolescentes que formam o Boquinha – encarte infanto-juvenil do jornal. Na Rede Boca<sup>27</sup> formada por três jornalistas, duas psicólogas, uma técnica de informática, uma atriz e dois estagiários procuramos ter presente essa sensibilidade com o contexto que trabalhamos. Acredito que essa constante produção de

---

<sup>27</sup> Equipe que coordena o projeto Boca de Rua.

estranhamento frente ao que vemos e acompanhamos é um potencializador de uma intervenção que não se pretende burocratizada<sup>28</sup>. Temos no grupo regras construídas e pactuadas junto com os integrantes do Jornal Boca de Rua<sup>29</sup>, elas servem como indicadores do caminho que iremos percorrer. No entanto, elas não se bastam em si mesmas. Cada situação é pensada na sua singularidade, cada caso é um caso. Certamente, esta proposta de trabalho é de todo complexa e exige uma sintonia entre a equipe e os trabalhadores do jornal. Poderíamos apontar estratégias como estas como produtoras de saúde.

Os padrões de saúde-doença não se aplicam de maneira estrita para o grupo<sup>30</sup>. Muitos trabalhadores são usuários de múltiplas drogas, portadores do vírus do HIV, de doenças como a tuberculose, doenças sexualmente transmissíveis, transtornos mentais, entre outras. Na proposta de trabalho não temos o intuito de prestar assistência direta para essas enfermidades, mas a idéia é de que possamos instalar um trabalho conectado à rede de assistência do município – órgãos governamentais, não-governamentais, bem como associações e cooperativas – que se dediquem ao trabalho com a população de rua. Poderíamos pensar a proposta do Boca de Rua num enfoque da Redução de Danos<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> Conforme Edson Sousa em *A Burocratização do Amanhã*, 2006.

<sup>29</sup> Passaremos daqui em diante designar os integrantes do jornal Boca de Rua de trabalhadores, pois acreditamos que essa palavra represente mais a idéia de produção, de uma articulação entre uma reflexão-crítica-política associada a geração de renda.

<sup>30</sup> Tomamos por referência o Modelo em Defesa da Vida que entende por indivíduo saudável aquele que possui um sentimento de segurança para viver a vida, para criar valores e instaurar normas vitais a partir de seus desejos, interesses e das necessidades individuais e do entorno social. Produzir saúde significa contribuir para o aumento do coeficiente de autonomia de indivíduos e coletivos para viver a vida, possibilitando-lhes lidar com as limitações decorrentes da doença, da genética e do contexto psicossocial. Isto demanda a capacidade de discernimento, condições dignas de vida e oportunidade para utilizar instrumentos naturais e artificiais para afastar a dor, o sofrimento, a morte e para poder escolher os vários modos de seguir a vida, conforme Carvalho, 2002.

<sup>31</sup> Conforme Caroline Brasil, em: *A perspectiva da redução de danos com usuários de drogas: um olhar sobre os modos éticos de existência*, dissertação de mestrado do PPG de Psicologia Social e Institucional da UFRGS, 2003, sob a orientação de Edson Luiz André de Sousa.

Assim como o projeto de troca de seringas entre usuários de drogas injetáveis evita que compartilhem de seringas usadas e, com isso, se contaminem com o vírus HIV, hepatite e outras doenças, o Boca de Rua reduz os danos da rua, no momento em que prioriza um acompanhamento sistemático, leva as pessoas a pensarem sobre suas questões promovendo a escuta de suas necessidades e prioriza a articulação e a luta da garantia de seus direitos. Constitui-se assim, num espaço onde todos são tratados como pessoas responsáveis, com direitos e deveres a cumprir. Além, de instituir um lugar de trabalhador a todo aquele que faz parte do grupo, mesmo estando em situação de rua. As pautas produzidas a cada edição vêm reforçar esse enfoque ao darem vazão aos assuntos emergentes no cotidiano da rua e que merecem atenção como a retirada das praças, caco de vidro em macaquinhos<sup>32</sup>, situações de violência, preconceito e discriminação contra população em situação de rua. Sendo que as temáticas sobre: violência, gravidez, drogas e saúde mostram-se recorrentes desde a primeira edição, em janeiro do ano 2000.

Atualmente o Boca de Rua conta com as parcerias do Bandeirão Popular e do Grupo de Apoio à Prevenção da Aids – GAPA. O Bandeirão Popular nos cede o espaço para que ocorram reuniões semanais de produção do jornal. O Grupo de Apoio à Prevenção da Aids – GAPA nos auxilia no (re)encaminhamento para o tratamento de saúde. A realização do Projeto Saúde acontece na sede do GAPA. O projeto Saúde se dá através de uma entrevista coletiva previamente agendada. Escolhe-se um convidado especialista no tema e disposto a estabelecer um diálogo com os trabalhadores do jornal. Esta proposta trabalha a promoção e prevenção em

---

<sup>32</sup> “Macaquinhos” nome dado à alimentação doada pela comunidade, colocada geralmente em embalagens plásticas e penduradas nas grades dos prédios ou em árvores próximas aos prédios.

saúde trazendo o esclarecimento de dúvidas e encaminhamentos para a procura de tratamento adequado. A formação das perguntas da coletiva é realizada em grupo a partir das dúvidas levantadas sobre o assunto. Os trabalhadores se organizam para a entrevista, de forma que a gravação fonográfica, fotos e filmagens também sejam contempladas no momento da entrevista coletiva.

O Grupo de trabalhadores do Jornal Boca de Rua não é composto somente por pessoas em situação de rua, mas também por pessoas que já estiveram nas ruas e hoje voltaram para casa, ou vivem em albergues ou abrigos, ou que vão e voltam para suas casas. Em sua maioria, são adultos que foram crianças na rua. Usam algum tipo de droga. Têm dificuldade de se integrar às regras dos abrigos, por isso ficam pouco tempo por lá. Sobrevivem com a venda do jornal, guardam carros e muitos ainda trabalham com a coleta e troca de materiais recicláveis – como latas e papelão.

Os resultados a nível pessoal são sutis e difíceis de serem contabilizados em estatísticas tradicionais, baseadas em números exatos. O retorno que temos se dá com o acompanhamento do processo de cada um, de cada caso, e, o que é mais importante, na tentativa de historicizar os acontecimentos. Com grande facilidade são esquecidas as coisas na rua. O que se passou há dois dias, uma semana, já aconteceu há muito tempo. A morte de alguém é recordada como se tivesse se passado em outra época, muito distante, em que as regras, os costumes eram diferentes: “na época em que o falecido *fulano* era vivo as coisas não eram desse jeito...”.

Os testemunhos dos trabalhadores também auxiliam, são o retorno do trabalho realizado. A jornalista Clarinha Glock contava sobre um senhor que passou pelo grupo, estava doente, ela foi visitá-lo no hospital, e ele disse: *“Ah eu me lembro uma vez que vocês me chamaram para conversar comigo, vocês não me perguntaram da onde eu era, o que eu tava fazendo, vocês simplesmente conversaram comigo e falaram comigo, como se eu fosse gente... Vocês não estavam me perguntando outras coisas, vocês estavam me tratando com uma outra pessoa.”*

Certamente entre uma das maiores intervenções do Boca de Rua está a relação humanizada construída entre as pessoas. Mais do que, um espaço para que os trabalhadores sejam ouvidos, um espaço para que eles se ouçam na medida em que se discutem temas pertinentes à realidade, sem dúvida, está o “poder sentar com as pessoas, poder sentir o toque delas, porque várias vezes eles vêm nos abraçar e vêm nos pedir um carinho, é contribuir para que eles se vejam como pessoas que têm direitos e que têm deveres e essa é uma discussão constante no grupo...”<sup>33</sup>.

Ouvir a frase *“vocês simplesmente conversaram comigo e falaram comigo, como se eu fosse gente”*, produz uma sensação de alento e indignação. Alento ao saber que nossa intervenção toma o alcance de dar vez a um sujeito que está na rua, escutá-lo em primeiro lugar, em primeira pessoa. Por outro lado, o fato de que existam pessoas que não são tratadas como tal gera indignação. E nos leva a prosseguir na luta para que todas pessoas tenham o direito de serem respeitadas pelo o que são e serem tratadas de forma singular.

---

<sup>33</sup> Fragmento de relato de diário de campo, de conversa com a jornalista Clarinha Glock – companheira do Jornal Boca de Rua, em 24/02/06.

Por isso tudo, não podemos deixar de lado a importância da intervenção política do Boca de Rua.

Nesses cinco anos do jornal, pode-se dizer que vimos pessoas saírem da sarjeta e da descrença com a vida e se sentirem mais humanizados vendendo o jornal. Trabalhadores que conseguiram se reorganizar e montar sua casa e família. Quando paramos para pensar e historicizar nos damos conta de que existem, sim, histórias sobre as quais podemos dizer que contribuímos sim, de alguma forma, para a melhoria de vida das pessoas. O exemplo mais intrigante talvez seja o de Arnaldo. O sonho da vida dele era estar na casa do estudante e ele está lá, estudando e morando na casa do estudante. Ele batalhou na ONG do Unificado para pagar a bolsa dele e conseguir fazer cursinho, fez vestibular e passou em três universidades. Atualmente, ele está cursando jornalismo, e *agiliza* toda a parte cultural do Boca de Rua. Ele consegue ingressos para cinema, contatos com interlocutores, e organiza entrevistas para as pautas selecionadas.

O jornal se estabelece como um mediatizador, um lugar de passagem.

Canal de amplificação de Vozes de uma Gente Invisível:

O povo da rua passa fome, não tem onde morar, dorme na beira das calçadas, debaixo de ponte, dentro dos esgotos, em cima dos banheiros públicos, nos carrinhos de papelão ou em casarões abandonados. Mas o povo da rua fala. O povo da rua tem boca. (GENTE Invisível, 2000, p.1)

A comunicação abriu as porta para estas pessoas se sentirem vivas; uma estratégia de politizar a vida nua, como diria Agamben(2002). Assim, o Boca de Rua pode ser pensado como um espaço de produção de agenciamentos, um espaço de

falar e ser ouvido, e de construirmos juntos formas de pensar sobre si mesmo, a relação com o outro e com a cidade. O que implica levarmos em conta o sistema capitalista, individualista, de má distribuição de renda em que estamos inseridos. A relação que se estabelece junto aos trabalhadores do jornal não passa por uma relação desigual, na qual nós, enquanto Rede Boca, temos algo a dar a eles, numa visão de “coitadinhos” que não têm nada, os sem-valor. Muito pelo contrário, estabelecemos uma relação de troca, em que ambos aprendemos tendo como mola propulsora o afeto, que é o diferencial de nosso trabalho.

Ninguém sabe ao certo quantas pessoas vivem na rua. Tem gente que se esconde em buracos que ninguém sabe que existe. Mas o povo da rua não é invisível. Quem faz o povo da rua invisível é a sociedade que passa e nem olha (GENTE Invisível, 2000, p.1)

Deste ponto de vista, pensar a questão da população em situação de rua é pensar o sistema social que a gente vive, as relações que a gente estabelece, seja de relações pessoais, seja de relações de trabalho, seja de relações com o mundo... O papel do jornal é também chamar a atenção da sociedade para o fato de que somente com uma mobilização de todos a realidade pode mudar. É preciso ampliar os canais de comunicação com entidades que lidam com a população em situação de rua para que efetivamente a participação destas pessoas esteja garantida. A Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (ALICE), entidade responsável pelo jornal Boca de Rua, já está engajada neste processo. Deve acontecer em março deste ano uma audiência pública na Assembléia Legislativa do Estado sobre violência contra essa população a partir de uma denúncia feita pela ALICE e outras entidades com base nas reivindicações dos trabalhadores do Boca de Rua.

Podemos dizer que em cinco anos de existência o grupo se tornou conhecido. Participou de três edições do Fórum Social Mundial, tem participado das conferências de assistência social, de discussão da realidade de crianças e adolescentes na rua, de encontros em faculdades de comunicação social, de oficinas em escolas, além de diversas entrevistas em rádio e televisão. Alguns trabalhadores também participam do grupo de saúde do Gapa, onde desenvolvem o Projeto do Rap. A Oficina de Vídeo do Boca de Rua é um outro espaço de trabalho e expressão para os trabalhadores do jornal. Acreditamos que o *Boca de Rua tem um potencial enorme de ajudar algumas pessoas a descobrirem que elas têm sonhos e que podem realizá-los*. Mesmo que seja a passos lentos para uns, restrito ao afeto de cada reunião, mas imbuídos com a certeza de que serão acolhidos num espaço de escuta e respeito pela palavra a ser publicada no jornal.

Acompanhamos no trabalho do Boca de Rua a força da comunicação como dispositivo que mobiliza um outro olhar sobre si e sobre sua vida. Acordar para a vida talvez seja um termo que suscite a intensidade desta intervenção. Trago os bastidores da entrevista da coordenadora do Acolhimento Noturno com Moisés para o Jornal Boca de Rua em outubro de 2005. Moisés já conhecia Ruth, coordenadora do Acolhimento Noturno, pois também havia sido usuário do serviço. A entrevista era sobre a terapia comunitária, estratégia utilizada pelo programa de Redução de Danos. Mas, como iremos acompanhar, a entrevista acabou virando mais uma troca de idéias, de lembranças e afetos entre eles – e Moisés fazendo o papel de entrevistado(r).

**Moisés:** O jornal do “Boca grande” é uma parte assim: a gente vai na reunião, fazemos como estou fazendo hoje a entrevista com os moradores de rua, a gente também foi no Hospital Partenon fazer entrevista com uma moradora de rua que a Redução de Danos pegou debaixo de uma marquise – ela tava muito mal e não conseguia caminhar, muito mal mesmo, daí levaram ela para o Postão da Cruzeiro, do Postão levaram para o Sanatório Partenon. Ela baixou com 33 quilos e hoje, nós chegamos lá, ela já tava com 60 e poucos quilos. E na entrevista que ela deu, ela disse que viu uma amiga usando e não sentiu vontade de usar o crack. Ela disse que quer mudar de vida quando sair de lá. Como o Boca de Rua. O Boca de Rua dá uma chance para os moradores de rua não estarem... às vezes, os moradores de rua não têm condições de comprar um alimento, e iam acabar fazendo bobagem.

No meu caso também, não vou mentir, o crack eu já larguei, mas eu continuo usando droga. Tô tentando parar, porque eu quero mudar de vida. Hoje já vou dormir mais aliviado ouvindo da boca de uma amiga minha que disse que ela não quer usar mais.

O jornal oferece para os moradores de rua estar ocupando o tempo, estar ganhando um dinheiro. É pouco, R\$ 1, mas é um dinheirinho honesto, não tá roubando. Porque às vezes tem morador de rua que não tem nada para comer e não sai para roubar. Se pedir numa casa, às vezes eles viram as costas para o morador de rua e não dão nada. Daí vão acabar fazendo bobagem. Por isso o jornal se empenhou bastante de dar uma força. Os moradores de rua mostram que não é só a rua que eles convivem, eles mostram o que sabem fazer. Como vários, não só eu, que se empenham bastante. Não só por causa do dinheiro – que é uma coisa que é muito boa -, vai deixar das pontes, entrando no problema.

Eu não sou mais morador de rua. Agora eu tô casado, tenho a minha filha com um aninho e cinco meses, mas eu vou embaixo da Matriz e vivo no meio da rua junto com eles. Por isso eu acho que este jornal, o Boca de Rua, dá uma vantagem legal para nós. Quando vê, a gente vai se empenhando, se empenhando, se empenhando. No momento em que a gente tá na reunião, ou vendendo jornal, a gente tá assim num momento... porque uma coisa que a Clarinha pede é pra, quando estar vendendo jornal, não estar usando droga. Daí já é um momento, tá com o jornal, tá precisando do dinheiro, daí já é esse tempo que o morador de rua não tá usando droga, já não tá fazendo bobagem. Tá adquirindo outra coisa.

**Ruth:** Como é que tu te aproximaste do Boca de Rua?

**Moisés:** (...) Vi eles conversando. Me lembro como fosse hoje – o dia em que eles estavam conversando sobre a Vila dos Papeleiros que pegou fogo. Eu comecei a gostar do jornal. Fui em três reuniões e comecei a me empenhar bastante no jornal. Agora eu pego o meu jornal, não gasto só o meu dinheiro em droga. Por isso que eu tô dizendo que agora eu quero me livrar dessa maldita loló, porque eu tenho uma filha de um ano e cinco meses. E eu não quero dar o mesmo exemplo que de repente minha mãe me deu.

Eu tô me empenhando bastante também no jornal. Eu quero mudar de vida. Já ganhei uma casa do Demhab. Eu quero mudar de vida agora para mostrar o melhor para a minha filha. A minha filha tá crescendo, já pensou se ela vê o pai dela fazendo bobagem? Daí vai querer seguir o mesmo exemplo. O primeiro colégio dos filhos é dentro de casa.

**Ruth:** Acho importante isso que tu disseste agora que o primeiro exemplo que a gente traz para os filhos é o exemplo que a gente dá. Eu também tenho isso como proposta de vida, a gente educa pelo exemplo, seja ele positivo ou negativo. Então parabéns para ti mais uma vez que tá conseguindo perceber que existe um outro lado possível dessa vida para a gente. Tu tens condições de te tornar melhor na medida em que tu acreditares no teu trabalho também. Agora uma pergunta: se eu sair ali na rua com o jornal Boca de Rua eu posso sair vendendo?

**Moisés:** Não, é assim: só se tu estiver encaixado no grupo. No jornal tá escrito bem grande: tem o preço e no final tá dizendo não compre de criança e adolescente. Se tá com o jornalzinho e o crachá....

**Ruth:** Se ela me vê vendendo, o que ela faz? (se referindo a Clarinha)

**Moisés:** Ela recolhe o jornal...

**Ruth:** E eu vou pagar esse mico na rua?

**Moisés:** Mas o jornal Boca, se a senhora quiser entrar, entra na fila de espera. Tem que esperar três reuniões. No dia em que tu vai no Boca de Rua, tu vai ficar na reunião e ainda ganha um tiquezinho deste tamanho, não é muito grande, para meter um rango.

**Ruth:** E onde é que a gente mete esse rango?

**Moisés:** Lá no Bandeirão. É desse tamanhinho o tíquete, mas dá pra meter...e é bom que às vezes a gente conhece pessoas novas: a Clarinha, a Rosina. Bah, eu gosto quando elas falam – eu não minto, falo a verdade, quando eu falo que vou nas coisas, não deixo elas na

mão. Hoje de manhã já fui na Casa de Convivência 2. Eu falei que ia no Postão, daí antes de chegar as quatro horas eu já tinha ligado para a Clarinha. Daí ela perguntou bem assim: “E tem mais alguém contigo?” Eu disse: “Não tem, a minha palavra é uma só, tem só eu aqui”. Daí fiquei esperando e fui com ela, senão ela ia ir sozinha.

**Ruth:** *Eu gosto muito de sentir as pessoas responsáveis e então tu mostra que tu é tudo isso, né Moisés? Parabéns. É um compromisso com o outro, né? Alguém tá esperando por ti.*

**Moisés:** *Já pensou se eu não me encaixar no jornal? Terça-feira eu fui numa exposição da PUC, amanhã também tem... como é mesmo o nome? O Set Universitário. Eu fui no bandejão da PUC. A minha esposa também é do jornal, ela pegou 50 jornais e eu peguei também. Ela foi comigo. Se não fosse o jornal, eu não ia ter o que eu tenho lá para minha filha. Fiz R\$ 65, comprei pacote de fralda de 50, paguei R\$ 17, comprei arroz, feijão, azeite, uma massa. A minha esposa tava meio doente, se eu não tivesse dinheiro, como é que ia fazer? Ontem de noite tava meio pior. Hoje de manhã fui num bar, já comprei um chá de camomila, de canela, comprei mel. E tô correndo atrás. Tenho duas fichinhas, já mostrei para a Clarinha, porque amanhã vou para a PUC conseguir mais uma graninha para botar mais coisa dentro de casa.*

**Ruth:** *Tô orgulhosa de ti, Moisés, muito orgulhosa.*

**Moisés:** *Sabe que horas que acordei para ganhar minha casa no Demhab?*

**Ruth:** *Isso que eu queria saber...*

**Moisés:** *Cinco horas da manhã.*

**Ruth:** *Eu ia te perguntar agora como é que tu conseguiu essa casa...*

**Moisés:** *Quando a minha esposa ficou grávida, eu era aqui do abrigo, né? Eu fui desligado aqui do abrigo porque ela era de maior e não podia entrar no abrigo. Eu não tinha me dado com a minha mãe. E não gostava de ficar morando com a minha vó. Então eu morava debaixo dessa ponte do Viaduto Conceição. Quando ela ficou grávida, eu comecei a correr atrás das minhas coisas, porque tava vindo um filho e eu não ia criar minha filha/filho debaixo de uma ponte. Daí eu comecei a correr atrás do bagulho. Daí a Casa da Harmonia já tinha me curado – eu cheguei na Casa da Harmonia há uns dois, três anos, até o Carlos me pegou, eu não caminhava. Eu vinha e voltava de kombi por causa desse maldito crack. Fiquei uns dois meses assim, não caminhava, não falava direito, não comia, só tomava*

sopinha. Daí eu comecei a caminhar, a falar, e pensei pra mim mesmo: se eu tô há dois meses sem usar essa merda, por que agora mais um mês não posso ficar? Pedi uma internação para mim. Se eu voltasse para a rua de novo eu sei que, se não tivesse ajuda de médico, ia continuar usando. Daí eu falei bem assim para a Lisiane: pode conseguir uma vaga para mim no São Pedro, lá no Caps? Consegui uma vaguinha para mim lá, fiquei mais um mês no São Pedro e agora posso dizer... Antigamente eu dizia assim para ti: “Ah, eu não vou usar mais crack”. Mas eu só dizia da boca para fora. Agora eu digo: eu não vou usar mais crack, e eu não vou usar mais crack. Porque agora eu tenho a minha força de vontade mesmo, porque eu vi a morte de perto. Eu não tenho vergonha de falar – pô, quando eu tava muito assim eu fazia até fezes na roupa, agora não tenho vergonha de falar.

**Ruth:** *Eu tô bem feliz de poder ter recebido a tua visita e poder ter aprendido contigo. Neste momento – eu estou aqui desde abril no Acolhimento – e neste momento eu tenho visto coisas que eu pensei que não existissem. E mais uma vez tu vieste me trazer um exemplo de que tudo é possível quando a gente acredita que o trabalho da gente tem sentido. Acho que a Clarinha apostou também no trabalho dela no Boca. Eu fico feliz com quem idealizou este projeto também do Acolhimento Noturno porque isso também resgata muito, muito essa criançada, esses adolescentes. E tu é a testemunha viva disso. Eu me dou conta que tá aqui o Moisés, que já passou por todas as dificuldades, e vem pra cá hoje, trabalhando, dizendo como é que se conquista R\$ 65, o que se faz com R\$ 65, valoriza este trabalho. E fala numa gravidez, numa filha. Moisés, eu só tenho a te dizer que eu tenho muito o que aprender contigo também. Parabéns, continua com esse espírito de luta, esse guerreiro que tem dentro de ti. Essa fortaleza que um dia te disse: “Eu deixei de usar crack, não foi da boca pra fora”. Eu também falo muito isso. Tem que ser do coração da gente, da mente da gente a decisão. E uma coisa que eu gosto muito que tu diz e que eu também digo: “Eu não sei mentir”. E quando eu vejo que existem pessoas que não sabem mentir eu ainda penso que eu tô nesse mundo certo. Eu peço a Deus todas as bênçãos para nós, ao pessoal da Redução de Danos (amo vocês do fundo do coração, porque com vocês eu aprendi a ver um mundo que eu não conhecia). Eu não conhecia, Moisés. Eu trabalhei 30 anos no Estado em vilas, mas eu não tinha essa outra história construída na minha cabeça. E agradeço muito a Deus por ter me dado a oportunidade de estar trabalhando aqui no Acolhimento Noturno e hoje, neste dia 19 de outubro (de 2005), porque para mim vai ser marcante, te ter como repórter por um dia. Deus te abençoe, meu rei. Agora posso te dar um beijo? Eu sou mulher de muito beijo.*

**Moisés:** *Agora, como é que vai funcionar a Terapia Comunitária aqui no abrigo?*

***Ruth:** Nós combinamos com o grupo de Redução de Danos – uma equipe maravilhosa e dando o nome do Carlos eu tô nomeando todos vocês que trabalham – pra gente começar esse trabalho aqui dentro. Nós combinamos que eles pudessem vir uma vez por semana, a princípio, e fazer a apresentação do trabalho, a escolha dos meninos que tiverem interesse em entrar nesse projeto. Antes de começar, eu já digo: tenho certeza do sucesso que vai ser o trabalho feito pelo grupo de Redução de Danos.*

A entrevista de Moisés nos traz vários pontos para pensar. Na sua fala, Moisés conta boa parte do funcionamento do grupo. Assume o jornal, explica desde como se faz para entrar, até a diferença que estar no jornal faz na sua vida. Por outro lado, também a intervenção de Ruth se mostra muito valiosa, no momento em que compartilha com Moisés lembranças de seu processo de vida. Relembra com ele fases que foram difíceis e que foram superadas. Sem dúvida, a multiplicação das intervenções do Jornal Boca de Rua acontecem no trabalho em parceria com outras instituições, com ONGs, com a sociedade como um todo. Por isso é tão importante estabelecer alianças, trabalhar em rede e juntos formarmos uma potência que possa levar o trabalho adiante. Inspirados em Cecília Coimbra (2003), poderíamos dizer que se trata de afirmar as potências, as diferenças, as multiplicidades e as possibilidades finitas e ilimitadas do homem, da sociedade, da psicologia e da política. A aposta na produção de “verdades” sempre provisórias, temporais e temporárias, nas “paixões alegres”, num “mundo onde caibam muitos outros mundos”.

O slogan de um “mundo onde caibam outros mundos”, inspirado na vivência do Fórum Social Mundial, aqui em Porto Alegre, nos leva a apostar, sim, num trabalho como o do Jornal Boca de Rua. Lembro de uma frase muito usada pela jornalista Rosina Duarte: “Não sabendo que era impossível, a gente foi lá e fez!”

Acho que ela traduz essa relação apaixonada das “paixões alegres” que estabelecemos com o Boca de Rua, que, mesmo em meio a dificuldades, nos faz continuar, seguir adiante, se negando a aceitar essa realidade como está, e assim estabelecendo uma relação utópica com a cidade, com o outro, com o mundo, onde caibam outros mundos.

Numa ocasião, em que conversávamos sobre o Boca de Rua<sup>34</sup>, Rosina Duarte compartilhou um dos momentos marcantes na trajetória do jornal. “A exibição do vídeo “Carta de Porto Alegre”<sup>35</sup> no Santander foi para mim um dos momentos mais inesquecíveis da história do Boca. Cheguei com o Alemão e a Mireila<sup>36</sup> e um segurança de terno e gravata nos atacou na porta. Fui explicar, mas o Alemão se adiantou e disse com toda a calma: somos os autores do filme. O segurança se afastou e nos deixou passar. Lá dentro me dei conta que estávamos dentro de um cofre (o cinema fica dentro do antigo cofre), em um local que tinha sido um banco (símbolo, portanto do poder econômico) e que agora era uma espécie de templo cultural. A platéia tinha pago para assistir e era composta de professores e universitários. E os palestrantes eram os guris. Aquilo era simbólico, era de arrepiar. Mais tarde comentei com o jornalista Sílvio Ferreira a minha emoção e ele me disse uma frase que nunca vou esquecer: “É uma pequena revolução, Rosina”

---

<sup>34</sup> Trocas de idéias que auxiliaram na elaboração da escrita da dissertação. Agradeço a Clarinha Glock e a Rosina Duarte pelo companheirismo.

<sup>35</sup> Vídeo concebido por Janaína Bechler, junto com os trabalhadores do Boca de Rua. Vídeo Carta de Porto Alegre foi endereçado a população de rua de São Paulo, contém a apresentação da cidade de Porto Alegre na visão da população de rua e foi entregue num evento no Pátio do Colégio, São Paulo. Este vídeo é parte da dissertação de mestrado de Janaína Bechler, com a orientação de Edson Sousa. O Vídeo Carta também foi apresentado a comunidade acadêmica na sala de Cinema da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a participação dos integrantes do Boca de Rua, Janaína Bechler, Edson Sousa e Cláudia Turra Magni.

<sup>36</sup> Alemão e Mireila são trabalhadores do Jornal Boca de Rua, nomes reais foram trocados.

Antes de seguir rumo à cidade contemporânea ficamos com uma contribuição de Milton Santos<sup>37</sup> quando ele nos diz que por serem “diferentes”, os pobres abrem um debate novo, inédito, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e coisas já presentes. É assim que eles reavaliam a tecnoesfera e a psicoesfera, encontrando novos usos e finalidades para os objetos e técnicas e também outras articulações práticas e novas normas na vida social e afetiva. Diante das redes técnicas e informacionais, pobres e migrantes são passivos, como todas as demais pessoas. É na esfera comunicacional que eles, diferentemente das classes ditas superiores, são fortemente ativos.

Caminhamos adiante, rumo a um passeio pela cidade contemporânea.

---

<sup>37</sup> SANTOS (2002, p.326)

### 3 PARADA DOIS

#### O Convite: Um Passeio pela Cidade Contemporânea

*De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.  
Ítalo Calvino.*

Já há algum tempo sou tomada pelas questões que compõem a complexidade do espaço urbano. O surgimento da cidade, com a jornada de trabalho assalariado, a venda da mão-de-obra operária, a industrialização, a chegada das novas tecnologias, a globalização do modelo capitalista.

Acompanhando Denise Sant'Anna (2001), em seu texto *Cidades Encolhidas*, passamos a perceber a cidade associada ao ritmo das corridas automobilísticas e da multiplicação acelerada das imagens televisivas. O ideal do *recorde* se espalha no interior de inúmeras atividades. Ultrapassar-se no trabalho transforma-se em regra. Manuais de instrução sobre como beirar os limites de si mesmo para, a seguir, renová-los, tornam-se *best-sellers*. Mas nem tudo, fora das telas e dentro das cidades, está sintonizado com a aceleração dos corpos.

A cidade acelerada, marcada pela presença do automóvel, promove o encolhimento do pedestre. Sustentada pela necessidade de segurança, assiduamente alimentada pela mídia, visualiza-se a cidade comprimida entre as ruas-rodovias, transformada em gueto dos *shoppings*, em periferia de suas novas fronteiras presentes no espaço urbano: guaritas, condomínios, ruas particulares e vilas fechadas.

Observa-se também uma grande liberdade de expressão dos corpos, em aceitar velocidades de locomoção outrora impensáveis.

Entretanto, esta liberdade tem dificuldade de ser expressa nos espaços *abertos e públicos*. Hilária situação, especialmente para a classe média de nossos dias: existe mais liberdade corporal e maior velocidade de comunicação do que no passado, mas estas se concentram em circuitos fechados, privados. (SANT'ANNA, 2001, p.47)

As condições de moradia sofrem importantes alterações com os avanços tecnológicos, principalmente no que diz respeito à relação com meio exterior. Os sistemas de calefação e refrigeração, bem como a utilização da luz elétrica, prolongam as possibilidades de uso dos espaços interiores, prescindindo das aberturas das casas para arejamento e iluminação do ambiente, minimizando assim o trânsito entre exterior e interior.

Finalmente, a invenção do elevador, que desobriga o corpo do esforço motor da locomoção vertical, leva ao surgimento dos arranha-céus e intensifica a experiência de desenraizamento dos corpos com respeito ao espaço aberto da cidade, tornando possível os deslocamentos de um lugar para outro sem nenhum contato físico com o mundo exterior. Do elevador à garagem subterrânea, desta à auto-estrada e novamente à garagem e elevador; a circulação pelo urbano, longe de engajar o corpo no encontro com a diversidade, lança-o na cômoda monotonia do individualismo. (PALOMBINI, 2004, p. 33).

Face a essa realidade apresentada percebemos que as relações humanas também sofrem modificações. Sant'Anna diz que estamos mais conectados e mais isolados. A liberdade e a velocidade de comunicação conquistadas não garantiram a superação do gritante descompasso entre a minguada vida social nas ruas submissas ao automóvel e a sociabilidade vivenciada em locais fechados.

No Brasil proliferam os condomínios separados das cidades, nos quais se desenrola uma sociabilidade “entre semelhantes”. Assim como existem nações que rejeitam suas partes consideradas desintegradas e pobres, há grupos de pessoas que se divorciam das cidades. Muitas das *gated communities* são criadas segundo as preferências e estilos de vidas de seus moradores: existem as voltadas para o contato com a natureza, as construídas priorizando o lazer e o esporte, e as que investem sobremaneira na segurança. (SANT’ANNA, 2001, p.48)

Para Paul Virilio(1993), a cidade contemporânea está associada à velocidade. A cidade sempre foi um lugar onde a gente se droga com a velocidade, com o álcool e agora com a internet. O autor propõe que a *interface* da tela (computador, televisão, teleconferência), que até então se encontrava privada de espessura – a superfície de inscrição – passa a existir enquanto “distância”, profundidade de campo de uma representação nova, de uma visibilidade sem face a face, na qual desaparece e se apaga na antiga confrontação de ruas e avenidas. O que se apaga aqui é a confrontação de posição, com o que isto se supõe, com o passar do tempo, em termos de fusão e confusão. Assim, privado de limites objetivos, o elemento arquitetônico passa a estar à deriva, a flutuar em um éter eletrônico desprovido de dimensões espaciais, mas inscrito na temporalidade única de uma difusão instantânea.

Vivemos uma aproximação de tudo e de todos, onde ninguém pode se considerar separado por obstáculos físicos ou distâncias de tempo, pois a *interfachada* dos monitores e das telas de controle o algures começa aqui e vice-versa. Esta súbita reversão dos limites introduz, desta vez no espaço comum, o que até o momento era da ordem da microscopia: o pleno não existe mais. Em seu lugar, uma extensão sem limites desvenda-se em uma falsa perspectiva de que a emissão

luminosa dos aparelhos ilumina. A partir daí, o espaço construído participa de uma topologia eletrônica na qual o enquadramento do ponto de vista e a trama da imagem digital renovam a noção de setor urbano, conforme Virilio (1993, p. 28).

O autor lembra que a rua clássica era um lugar de socialização construído no tempo, definido pela pluralidade de suas funções de residência, de troca, de consumo, *de relações humanas informais, de vida coletiva*.

Ela desaparece em proveito de trevos para veículos pelos quais apenas se passa, e quase nunca a pé. Vias de acesso e desvios, estacionamentos subterrâneos ou galerias com lojas, túneis para pedestres ou espaços de lazer, o equipamento urbano visa apenas acelerar a circulação, o movimento, a passagem. (VIRILIO, 1993, p.17)

E, neste contexto, vemos o desaparecimento da cidade na heterogeneidade do regime de temporalidade das teletecnologias da ação à distância. A forma urbana não é mais expressa por uma demarcação qualquer. Uma linha divisória entre aqui e além tornou-se a programação de um “horário”. Palombini (2004) nos lembrará de que, com isso, desaparece a primazia do protocolo do acesso da porta, da ponte, do porto e de outros meios de transportes que, estendendo a natureza do limiar, cumpriam a função prática de entrada, emprestando sentido aos espaço de uma residência e de uma cidade, ligadas à primazia do sedentarismo sobre o nomadismo das origens. Virilio (1993), por sua vez, enfatizará que o povoamento do tempo de transporte e de transmissão suplanta o povoamento do espaço, a habitação, a inércia tende a renovar a antiga sedentariedade, a persistência das áreas urbanas.

Sant'Anna (2001), referindo-se às competições automobilísticas, afirma que a televisão multiplica o conjunto de informações sobre os concorrentes e cria uma visão de conjunto inacessível ao espectador presente no espaço geográfico do acontecimento. E ela apaga, igualmente, as sensações vividas neste espaço, impossibilitando os telespectadores de conhecerem odores, paisagens e sons que não sejam filtrados e modificados pelos aparelhos de transmissão.

Seguindo as idéias da autora, constatamos que, freqüentemente, nesta era de ubiqüidade da informação, as novas tecnologias abrem ao homem a possibilidade de uma reflexão e de uma inteligência coletiva. Entretanto, quando este mesmo homem está nas ruas das cidades e nas rodovias, o que ocorre? Uma transgressão desconcertante: ele é levado a conceber o outro como um estrangeiro ameaçador e a manter sua individualidade a salvo do outro. “Se a interatividade entre homem e máquina ocorre no espaço *virtual e privado* das instituições e moradias – o que implica compartilhar experiências - no espaço geográfico das ruas compartilhar qualquer coisa tende a ser uma *utopia*.” (SANT'ANNA, 2001, p. 48)

...a utopia sempre teve na história da humanidade uma função de crítica social funcionando muito mais como um convite a não tomar como definitivas, irreversíveis e naturais as formas de vida que se apresentam. Nesse sentido, ela poderia cumprir a importante missão de arrancar os sujeitos do pântano do senso comum, que institui sentidos aos quais deveríamos nos curvar. A utopia tem aqui função de convite à imaginação. Ela permite que os sujeitos possam fazer dos espaços que vivem um lugar. (SOUSA, 2002a, p. 26)

Edson Sousa (2002b), em seu texto *Por uma Cultura da Utopia*, nos diz que para frear um pouco esta corrida desesperada precisaríamos ainda recuperar a força instauradora de atos de criação que tentam abrir outra forma de estar na

cidade e de estar entre os pares, num laço social em que cada um possa reconhecer seu semelhante pelo valor de sua experiência compartilhada.

Nesse sentido, abrimos brechas para apontar que existem possibilidades e estratégias de uma vida urbana que escapa a essas idéias apresentadas até o momento. Trago o exemplo de um grupo de senhoras (talvez vizinhas) que encontrei esses dias sentadas à beira da rua, à fresca, tomando seu chimarrão. Sabe-se que uma cena como essa está cada vez mais escassa. Mas também sabemos que ela cumpre o papel de resistência ao modo de vida instituído no momento em que o movimento que se apresenta é outro. Movimento e parada, que aqui denominamos *movimento-do-trecheiro*; movimento que abre espaço a um convite à criatividade, a rupturas em nosso modo de vida cotidiano.

Em muitas ocasiões, salienta Sant'Anna(2001), o telefone, o celular o fax, a internet ou a carta são maneiras de se relacionar muito mais apropriadas do que a presença face a face dos corpos. Há situações, contudo, em que o encontro entre pessoas no espaço real é o mais adequado e o mais desejado. E lembra que Félix Guattari propõe uma restauração da cidade subjetiva, onde seria necessário sair do falso nomadismo. Pois a primeira impressão é a de que nas grandes cidades há nomadismo por toda parte: tudo circula, música, *clips*, pessoas, automóveis. Milhares de corpos estão sempre de passagem. E, no entanto, tudo também parece estar fixo, imóvel, imutável. Pois há mais agitação do que nomadismo.<sup>38</sup>

Olhar a cidade subjetiva proposta por Guattari nos leva à cidade como

---

<sup>38</sup> Sobre o nomadismo e sedentarismo desenvolvermos, um pouco mais, na parada: O Mundo da Rua: espaço de subjetivação.

obra de arte coletiva, visto ser o espaço não apenas organizado e instituído, mas também esculpido por este ou por aquele grupo. A cidade possui uma realidade espessa de sentidos relacionados aos seus habitantes. Já diria João Frayze-Pereira (1997), no seu texto *Crise e Cidade. Por uma poética do acompanhamento terapêutico*, que:

a cidade é cor ou ausência de cor, luz ou ausência dela e assim por diante... E há também uma dimensão biográfica da cidade, que confere à “minha cidade” o sentido de meu “lugar de vida”. E, nesse caso, a cidade pode acabar dando lugar à imagem de uma imensa casa, o “lugar onde moro”. (FRAYSE-PEREIRA, 1997, p. 28)

O crítico e historiador de arte Argan (1992, p.231-232), no livro *História da Arte como História da Cidade*, diz que, caso fosse possível registrar graficamente o sentido da cidade resultante da experiência inconsciente de cada habitante e depois sobrepor por transparência todos esses gráficos, obteríamos uma pintura de Jackson Pollock, por volta dos anos 50: uma espécie de mapa imenso, formado de linhas e pontos coloridos, um emaranhado inextricável de sinais, de traçados aparentemente arbitrários, de filamentos tortuosos, embaraçados, que mil vezes se cruzam, se interrompem, recomeçam e, depois de estranhas voltas, retornam ao ponto de onde partiram. Argan ainda propõe que, se nos divertíssemos traçando um vasto mapa topográfico da cidade, os itinerários percorridos por todos os seus habitantes e visitantes em um só dia, uma só hora, distinguindo cada itinerário com uma cor, obteríamos um quadro de Pollock, só que infinitamente mais complicado, com miríades de sinais aparentemente privados de qualquer significação. E se depois nos empenhássemos em seguir qualquer um desses percursos individuais e tivéssemos condições de compará-lo com o percurso que aquele dado indivíduo deveria ter seguido obedecendo aos motivos racionais dos seus movimentos (p. ex.

ir ao trabalho e voltar para a casa), perceberíamos com surpresa quanto são diferentes. Enfim, o percurso real tem apenas uma leve relação com o percurso lógico ou necessário.

E Frayze-Pereira (1997) afirma que qualquer um de nós que experimentar analisar o próprio comportamento na cidade notará como nossas escolhas são às vezes arbitrárias e imprevistas, é aquela vitrine, aquela papelaria, ou aquela rua... “Ou seja, estar na cidade envolve um conjunto de ritos, mitos e tabus. Em nossos itinerários urbanos, deixamos a memória e a imaginação trabalhar[...]” (p.29). O perder-se e encontrar-se na cidade faz-nos lembrar de uma fala de *Alice no País das Maravilhas*:

Meu Deus, meu Deus! Como é esquisito hoje! E ontem tudo era exatamente como de costume. Será que fui eu que mudei à noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei hoje pela manhã? Estou quase achando que posso me lembrar e me sentir um pouco diferente. Mas se eu sou a mesma, a pergunta é: Quem sou eu? (CARROLL, 1998, p.26)

Vida e cidade, cidade e processo de subjetivação, encadeamentos que se entrecruzam em uma constante circulação de fluxos que nos levam a pensar a produção de um modo de funcionamento da vida na cidade contemporânea.

Nesse cenário apresentado, vimos formas de se viver nas grandes cidades marcadas pela constante aceleração dos corpos e do tempo, das novas tecnologias e de um sistema de Capitalismo Mundial Integrado(CMI)<sup>39</sup> que nos diz

---

<sup>39</sup> Capitalismo Mundial Integrado(CMI), termo cunhado por Félix Guattari, 2003, para qualificar o capitalismo pós-industrial que segundo o autor tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens, etc.

desde o que devemos comprar, até como devemos viver. A grande mobilidade, própria à vida nos grandes centros urbanos, representada pelo fluxo ininterrupto de veículos, reduz a complexidade da experiência urbana ao mínimo de contato possível. Assim, só se passa, e em alta velocidade, pelo outro. Como pensar a conexão daqueles que não passam em alta velocidade, não usufruem da tecnologia e do imenso aparato privado do lar? Por outro lado, também podemos presenciar as propostas de um outro movimento que aposta na utopia e na cidade enquanto obra de arte coletiva como possibilitadoras da instalação de outros fluxos, de outros ritmos no contexto urbano.

Seguimos mais adiante até chegarmos ao contexto brasileiro e nele encontraremos o aparecimento e a sustentação de uma vida sob o céu da cidade nos grandes centros urbanos.

## 4 PARADA TRÊS

### Ao Sul do Brasil: as Ruas de um Porto Alegre

*Olho o mapa da cidade como quem examinasse a anatomia de um corpo... (nem que fosse o meu corpo!) Sinto uma dor infinita das ruas de Porto Alegre onde jamais passarei... Mario Quintana – O Mapa*

Baptista (1997), em seu texto *Cidades da Falta*, referindo-se à cidade do Rio de Janeiro, nos fala que a velocidade das autopistas penetra nas praças e nos pontos de ônibus fazendo seus antigos habitantes circularem. A multidão é perigosa, parece dizer o tempo e o espaço desta cidade. Em algumas praças, duchas são acionadas aleatoriamente durante a noite, atrapalhando o sono dos sem-teto. A informática penetra nos espaços encharcando os incautos, tornando a cidade para esses habitantes invisível. A invisibilidade da velocidade e da dispersão solicita rapidez e astúcia. Nos bairros miseráveis de periferia, quando a polícia se faz presente vigiando a expansão dos limites territoriais permitidos para as habitações provisórias, as casas de papelão são montadas e desmontadas e guardadas em carrinhos roubados de supermercado. Lá a moradia circula apressadamente. *Em Porto Alegre, também.*

Aqui poderíamos lembrar de Kafka e a Muralha da China. O Imperador da China resolveu construir uma muralha que contornasse a imensidão do Império e o protegesse contra a invasão dos bárbaros vindo do norte. Tal construção mobilizou a população inteira por anos a fio. Conta Kafka que ela foi empreendida por partes: um bloco de pedras era erguido aqui, um outro ali, mais um acolá, e não necessariamente eles se encontravam, de modo que entre um e outro pedaço

construído em regiões desérticas abriam-se grandes brechas, lacunas quilométricas. O resultado foi uma muralha descontínua cuja lógica ninguém entendia, já que não protegia de nada nem de ninguém. Talvez apenas os nômades, na sua circulação errática pelas fronteiras do Império, tinham alguma noção do conjunto da obra. Enquanto isso, um sapateiro residente em Pequim relatou que já havia nômades acampados na praça central, a céu aberto, diante do Palácio Imperial, que seu número aumentava a cada dia. Peter Pelbart (2003), nos ajuda a pensar o quanto essa história reflete a paranóia do Império que se frustra na tentativa de se proteger dos excluídos que ele mesmo suscita, cujo contingente não pára de aumentar no coração da capital, numa vizinhança de intimidação crescente e num momento em que, como diria Kafka, sofre-se enjôo marítimo mesmo em terra firme. A Muralha da China poderia ser aproximada à configuração da cidade contemporânea. Casas gradeadas, busca de maior conforto e segurança, um lugar a salvo, longe dos *desconectados do sistema*<sup>40</sup>.

Junia de Vilhena, em seu texto *Da Cultura do Medo à Fraternidade como Laço Social*, afirma que estamos apavorados, vivemos em meio à cultura do medo. A cidade tornou-se o lugar do perigo, das ameaças, de território conflagrado. Temos medo de andar pelas ruas, pelas praças, pelas avenidas, como se, do aberto, do público, da ágora, pudessem surgir os demônios das “classes perigosas”. Produz-se então o esvaziamento dos espaços públicos e a crescente privatização da cidade. “À desconfiança mútua e à exclusão social, a cultura da cidade responde redesenhando-a e traçando mapas de segregação sócio-espacial.” (2005, p.21).

Dados da prefeitura de Porto Alegre dizem que a cada ano que passa

---

<sup>40</sup> Termo utilizado por Peter Pal Pelbart, 2003.

aumenta significativamente o número de pessoas em situação de rua. São pessoas que não mais moram entre quatro paredes, mas no coração da cidade, e incomodam pelo simples fato de existir. O que fazer diante dessa realidade exposta?

Cria-se um imaginário social a respeito das pessoas em situação de rua. Muitas palavras são utilizadas para denominar essa população: mendigo, marginal, indigente, maltrapilho, louquinho, vagabundo, sem-vergonha, perigoso, preguiçoso, assim poderíamos enumerar tantas outras. Todas elas dizem de uma coisa em comum: o prejulgamento moral e os pré-conceitos estabelecidos em relação às pessoas que estão em situação de rua.

Poderíamos perguntar, então: quem é essa população? Qual o lugar na cidade para a população em situação de rua? Que espaços são possíveis para aqueles que por vontade e/ou necessidade vivem em constante movimento? O lugar que resta ao “morador de rua” é o lugar estigmatizado, colado a um discurso da população que o vê enquanto dejetos da sociedade. Seu lugar é o de *não-lugar*, de quem não deveria estar onde está, de quem deve seguir adiante, não se sabe para onde! Instala-se, assim, um movimento de expulsão da casa, do sistema econômico que o força a estar no lugar do sem-nada, sem-vínculos, em falta com a sociedade, fora das relações sociais. Mas dentro do espaço estigmatizado que lhe cabe: o marginal, o perigoso, o preguiçoso que não quer trabalhar, que está na rua porque quer... Seria possível ter força para romper com este lugar já estabelecido socialmente?

Ao olhar o mapa esquadrinhado da cidade, em ruas e casas, qual o lugar da pobreza na cidade concreta, dinâmica, historicamente reconstituída cotidianamente?

Para responder a essas questões propomos uma desnaturalização da categoria *morador de rua* tal como fora apresentada, e acompanharmos uma breve contextualização da população em situação de rua no sul do país, em especial Porto Alegre.

Inicialmente, é necessário constatar que a existência da população em situação de rua não é um fenômeno característico dos tempos contemporâneos, pois existe desde a Antigüidade. Configura-se num processo histórico, adquire características próprias, acompanhando a evolução e a história do homem, mas mantém presente a marca das desigualdades e da exclusão social. Nesta direção, é importante apontar para o aspecto “que este é um fenômeno observável unicamente em aglomerações humanas permanentes, o que significa ser ele um fato tipicamente urbano”<sup>41</sup>. Além de ser considerado tipicamente urbano, está diretamente relacionado como o empobrecimento do homem.

Lessa (2000) nos remete ao *contexto brasileiro* da constituição das cidades e nos leva a pensar suas mutações conforme o passar dos anos. Para esse autor, a cidade brasileira atravessou intensas transformações econômicas, sempre reproduzindo a difícil *inserção do pobre na produção, no consumo e na cidadania*. O homem livre e pobre é, ainda segundo o autor, um personagem do Brasil colonial

---

<sup>41</sup> SIMÕES JUNIOR, apud relatório final de pesquisa: A Realidade do Morador de Rua de Porto Alegre

que, inicialmente, procede de um fluxo tênue de homens livres e pobres, oriundos do ultramar ou do interior, em direção às vilas. Sua produção acompanhou a vida urbana brasileira.

No tecido urbano, em contraste com o interior, existe - ainda que em embrião - a idéia do público. Além disso, a cidade é percebida como espaço de possibilidades lotéricas, ainda que ínfimas, de prosperidade individual. Viver na cidade integra necessariamente o homem pobre e livre à circulação mercantil: está obrigado a obter rendimento monetário para adquirir o necessário à subsistência. (LESSA, 2000, p, 12)

Em Porto Alegre, a história não é diferente. Sabemos que Porto Alegre foi efetivamente povoada com a chegada dos açorianos na segunda metade do século XVIII. Mas foi nas duas primeiras décadas do século XIX que Porto Alegre apresentou um grande desenvolvimento populacional, que iniciou por gerar um incremento da malha urbana do município e, conseqüentemente, o aumento da população carente. Até a metade deste século, as condições sanitárias da cidade eram péssimas e os serviços de higiene ficavam a cargo dos proprietários e eram executados pelos escravos, segundo Magni, 1994<sup>42</sup>.

O olhar sobre a cidade se modificou gradualmente ao longo do século. “Tornavam-se imprescindíveis o saneamento e a organização racional dos espaços, o que concorria com a necessidade burguesa de disciplinamento e educação da população pobre e do segmento escravo recém ingresso no mercado de trabalho livre”, segundo Magni, 1994, p.39. Medidas são tomadas para cumprirem esses

---

<sup>42</sup> Ver mais detalhes em Magni, 1994, p.39.

objetivos, como a apresentação do “Código de Posturas” com o fim de regulamentar não apenas os modos de vida dos que habitam o centro da cidade, mas também executando medidas disciplinadoras aos arraiais na periferia. Foi criada a *Polícia Administrativa*, uma guarda municipal que tinha como finalidade a sustentação da ordem por meio da constante vigilância preventiva dos espaços públicos ou naqueles onde vagavam os indivíduos “suspeitos”. Fez-se uma primeira reformulação da cidade com a construção de largos, praças, equipamento para abastecimento de água, luz, recolhimento e despejo dos dejetos e lixos. A população pobre, na ordenação do centro, foi assentada na periferia da cidade. Também se numeraram e alinharam casas, colocaram placas nas ruas denominando-as, dentre outras ações disciplinares. Aconteceu então, em 1826, a inauguração da Santa Casa de Misericórdia, primeiro dispositivo de saúde centralizado, atendendo à população porto-alegrense que de algum modo necessitava ser assistida. Em 1894 inaugurou-se uma ação voltada especificamente para os “alienados mentais”, passou a funcionar o Hospital Psiquiátrico São Pedro. A disciplina se impôs solidamente. Por mais que fosse sustentado também em um discurso científico como uma das justificativas para a nova construção, este não se apresentou por si, mas como uma parte do que forma a *civilidade moderna*, índice do que se busca na realização desta obra: uma organização disciplinadora do espaço urbano, humanitária e científica.

No início do século XX, foram introduzidos os bondes que encurtavam as distâncias, possibilitando o desenvolvimento e o crescimento de novos arraiais. Outros especialistas vieram associar-se aos higienistas, decretando o Primeiro Plano Geral de Melhoramentos da cidade que buscava satisfazer à necessidade crescente

de trânsito e higiene da capital. Na tentativa de disciplinar os fluxos e controlar o tempo dos percursos pelo território delimitaram-se quadras, prolongaram-se ruas, ampliaram-se avenidas e construíram-se viadutos.

Com o fim do modelo agrário-exportador e a primazia dada ao setor urbano, a capital tornou-se foco de atrativos para muitos migrantes que chegavam do interior. Até 1950, Porto Alegre quase dobrou sua população em dez anos. “A oferta excessiva de mão-de-obra provocou o rebaixamento dos níveis salariais e o contingente não-inserido no mercado de trabalho foi obrigado a ingressar no setor terciário, fazendo biscates e contentando-se com subempregos.” (MAGNI,1994, p43) Em meados de 40, surgiram as primeiras favelas da cidade, e seus moradores tinham como fonte de receita o trabalho com resíduos: “Além de papel velho, muitos outros objetos que nas famílias são perdidos, tais como talheres, pequenos objetos domésticos, mais raramente dinheiro e até relógios(...) eram encontrados pelos ciscadores” (MEDEIROS, apud, MAGNI, 1994, p.45)

Magni (1994) nos conta ainda que essas “vilas malocas” com as quais os setores mais abastados da população eram obrigados a conviver não eram vistas apenas como um problema material, mas também como moral e político:

Economicamente, os habitantes dessas ‘vilas’ pertencem às camadas inferiores, com agravante de uma porcentagem mais elevada de desajustados, de miseráveis e de indigentes. Politicamente do mesmo modo, pois, não só são simples governados como também, em grande maioria, nem eleitores são. (MEDEIROS, apud, MAGNI, 1994, p. 45)

Na década de 60, a crise do modelo de “substituição de importações” conduziu a uma política de crescimento acelerado. A concentração de riquezas nas mãos de grupos hegemônicos correspondeu ao empobrecimento cada vez maior dos setores excluídos e conduziu ao aumento de subabitações. Entre 1965 e 1972, ocorreu um acréscimo de 1000 famílias faveladas por ano. A solução adotada para descongestionar e sanear os bairros centrais, reservando seu acesso aos grupos dominantes, foi a remoção sumária de famílias pobres para locais da periferia, distantes e sem nenhuma infra-estrutura, sob o slogan “remover para promover”. “Entre 1965 a 1980, o número de favelados quase triplicou em termos absolutos”<sup>43</sup>. O projeto positivista de desenvolvimento de 1950 a 1990, em 40 anos, fez com que houvesse uma inversão populacional entre o campo (que era de 80%) e a cidade (que era de 20%).

Bursztyn (2000, p. 49) dirá que,

As políticas públicas, paralelamente à valorização das áreas centrais resultante das melhorias de infra-estrutura urbana, operaram como força centrífuga, empurrando a miséria para a periferia. Por outro lado, a própria precariedade das condições de vida nas periferias, juntamente com as também precárias perspectivas nas zonas rurais de economia tradicional e estagnada, funcionam como força centrípeta, “atraindo” a miséria para os núcleos centrais das grandes cidades. Em grande medida, o confronto entre as forças centrífugas e as forças centrípetas, num contexto de estrangulamento do mercado de trabalho, explica a existência de um crescente contingente de moradores de rua e de populações perambulantes.

---

<sup>43</sup> Conforme Magni, 1994, p.46.

O autor ainda nos diz que, se passaram mais de três décadas após o início da política de segregação espacial da miséria por meio da criação de guetos nas periferias urbanas. E passou-se também mais de um quarto de século desde o início das políticas de transferência dos “excedentes demográficos” das áreas rurais de ocupação mais antiga no rumo das novas fronteiras de colonização de território. Agora a pobreza volta ao centro das cidades, desta vez sob a forma de miséria extrema, expressando um “mal-estar” e constituindo “ameaça à segurança”. Diferentemente de outras épocas, as ruas tornaram-se territórios dos miseráveis, e a cidade oficial tem de edificar verdadeiras barricadas de grades e alambrados para proteger os prédios.

Assim, é na paranóia da segurança, nos dirá Junia Vilhena (2003, p.85), que há uma “colonização de nosso imaginário que se rende à inexorabilidade do fechamento, do distanciamento daquele que não mais reconheço como meu semelhante. A privatização do espaço público esvazia o que de político há nele – espaço aberto para as discussões – a polis”.

Nesse sentido, pensar a questão da população em situação de rua envolve pensar a cidade como um todo e as relações sociais aí produzidas. Caberia problematizar a idéia romântica de rua como espaço de liberdade, logo a possibilidade de “escolha” pela rua. Em muitos países do mundo em que existe um poder de estado forte talvez possamos pensar na possibilidade de uma escolha pela rua. Mas, ao nos reportarmos ao contexto brasileiro, será que poderíamos falar em uma escolha pela rua? A questão é: as pessoas têm a possibilidade ou condições de escolher onde querem ficar?

A polícia fiscaliza a ocupação dos espaços públicos, mas, na maioria das vezes, não pergunta muito quem são as pessoas que estão embaixo do viaduto e sobre seus pertences. Chega agredindo, recolhe “as *tralhas*”<sup>44</sup> e manda caminhar. O Jornal Boca de Rua enviou uma carta-denúncia em 14 de dezembro de 2005 ao Centro de Referência as Vítimas de Violência por intervenções bruscas por parte da polícia contra a população em situação de rua que ficava em praças da cidade. Segue citação de parte da carta:

*Quando os integrantes do Boca estão vendendo o jornal, eles têm os exemplares queimados e são agredidos por policiais da Brigada Militar (BM). Os policiais dizem que é para procurarem serviço, que vender o Boca de Rua não é trabalho, mas é um meio de sobrevivência também.*

*Em 13 e 16 de dezembro de 2005, menos de uma semana, dois grupos de pessoas foram expulsos de praças com ameaças e violência novamente. A contou o que aconteceu: “Pegaram nossas coisas e, como dissemos que íamos aos Direitos Humanos, esperaram a gente ir até o CRVV. O guarda de lá falou que só abririam às 13h30min, então saímos. E vimos uns 15 homens e uma mulher da SMAM que estavam na praça. Quando saímos, uns nos chutaram e deram socos nas mãos. Os guardas da Casa de Convivência e do CRVV viram tudo e escreveram num documento para a assistente social do CRVV”. Os representantes do CRVV foram chamados ao local e registraram a ocorrência. No mesmo dia, Carla, do Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (GAPA), foi ao centro para dar apoio.*

*A violência é generalizada. Até no bairro Humaitá, na frente de uma casa, dois rapazes, D. e R., e uma moça, C., estavam conversando e foram abordados por policiais da BM que chegaram apontando uma pistola e mandando botar as mãos na parede. C. só não foi revistada porque ela disse que, sendo mulher, os policiais não poderiam fazer a revista. Mas um deles falou que eles são obrigados a fazer e que só não iam fazer nada naquela ocasião. Levaram os dois rapazes algemados até a viatura porque estavam sem documento.*

*Também quando as pessoas estão nas praças os brigadianos tiram fotos e fazem filmagem nas abordagens. Eles têm esse direito? Para nós tirarmos fotos para entrevistas precisamos ter autorização, como eles fazem foto nossa assim?*

*Tem uns policiais da BM que chegam numa boa, outros não. Os integrantes do Boca de Rua concordam que a BM tem que fazer as abordagens, mas sem violência, respeitando o direito de venda e o trabalho do jornal, e levando em conta que todos são cidadãos. Não adianta apenas expulsar das praças sem ter um lugar para todos ficarem. Se houvesse outras oportunidades de trabalho e ocupação, talvez muita gente não ficasse na rua e nas praças.*

---

<sup>44</sup> Tralhas– nome dado aos pertences da pessoa em situação de rua

*Deveria ter mais cursos profissionalizantes, moradia e escola para o morador de rua. Que ele não fosse tão discriminado, que houvesse sua valorização enquanto ser humano, mais justiça social. E que estas questões fossem trabalhadas nos abrigos e nos albergues. Se desde que vão para a rua pela primeira vez as crianças e as famílias tivessem um atendimento e um amparo, com um programa de geração de renda para os pais, talvez não houvesse tantas crianças e adultos nas ruas.*

O que esses fatos têm a nos dizer sobre as relações estabelecidas na cidade contemporânea? Sobre as guerras invisíveis da cidade do capital? As chamadas ações, operações de limpeza urbana, realizadas pela BM e SMOV<sup>45</sup> acontecem como uma ação de guerra. Policiais fardados, com coletes à prova de bala, armados, fazem operar o poder de polícia, a lei: *“morador de rua pode viver na rua, porém circulando. Não pode parar, ocupar espaço”*. A lei do movimento, da velocidade, da circulação também impera sobre o sem-teto que com a casa nas costas, como um caracol, resiste a velocidade exigida e implicitamente acordada a ser seguida por todos.

Poderíamos parar e nos perguntar sobre essa velocidade que se impõe a todos na cidade. Que movimento é esse que se dá na alta velocidade das autopistas? Velocidade sem movimento, enquanto mudança de lugar, de posição. Velocidade que produz vertigem e alienação em relação ao mundo e a si mesmo. Acordo tácito: todos devem seguir o fluxo. Cada um com seu caminho, com seu destino, mas na mesma direção: seguir em frente, não parar. *Se parar, interrompe o fluxo.*

---

<sup>45</sup> SMOV – Secretaria Municipal de Obras e Viação

Em uma reportagem da Agência Carta Maior de 24/01/06, sob o título *Direito a Cidade*, à situação do movimento nacional de revitalização do centro ganha espaço:

*O significado prático de “revitalização”, no Brasil, raramente reflete as definições encontradas nos dicionários. Historicamente, o termo está muito mais para um eufemismo de “limpeza social” (...) A recuperação de edifícios públicos importantes, a reforma de praças, parques e avenidas, o combate aos crimes e a tentativa de atrair investimentos da iniciativa privada não estão sendo acompanhados de políticas públicas que incluam os grupos marginalizados que vivem ou trabalham na região central da cidade. Pelo contrário, os sem-teto estão sendo removidos de suas ocupações, o trabalho dos catadores de material reciclável está sendo dificultado e os moradores de rua têm sido vítimas de atos preconceituosos e alvo de ações repressivas para que não fiquem mais no centro. Tampouco são apresentadas alternativas viáveis para a parcela de excluídos que vive na região.*

A reportagem refere-se à cidade de São Paulo, mas podemos ver que o processo de *gentrificação* (enobrecimento) da região central das cidades também se faz presente em Porto Alegre. A política municipal está com a fiscalização reforçada em regiões centrais da cidade, fazendo remoções da população de rua para outros locais da cidade. O embelezamento desejado pode realmente ocorrer, mas os problemas não serão resolvidos de fato, serão apenas transferidos para outros locais.

Em uma entrevista à revista eletrônica *Revista Cidades do Brasil nº.60*, o prefeito José Fogaça disse que “*A revitalização do Cais do Porto e do centro da cidade é outro desafio que já começa a ser enfrentado em conjunto com os governos federal e estadual e a participação da iniciativa privada. E, assim, Porto Alegre, com seu enorme potencial de desenvolvimento econômico, retoma suas vocações e investe no seu crescimento para gerar novas oportunidades de emprego e renda*”.

Certamente, não se trata aqui de um posicionamento contrário a uma política de revitalização do centro da cidade de Porto Alegre, desde que seja feito à luz de políticas públicas que contemplem a todos, e não somente os que têm maior poder aquisitivo. Concordo também com o padre Júlio Lancellotti, da pastoral do Povo da Rua, de São Paulo, quando ele diz que: “Ninguém é contra a valorização do centro da cidade e ninguém vai defender a criminalidade, a violência e o narcotráfico, mas a questão mais complexa é tentar fazer do centro o cartão de visitas da cidade, tendo que tirar compulsoriamente a população de rua ou que está em outras áreas degradadas. Isso não surte efeito.”<sup>46</sup>

De acordo com Milton Santos (1999), encontraremos a cidade como um “lugar em que há mais mobilidade e mais encontros.” Assim, é através de sua configuração geográfica que a cidade grande aparece como

Palco da atividade de todos os capitais e de todos os trabalhos, ela pode atrair e acolher os pobres expulsos do campo e das cidades médias pela modernização da agricultura e dos serviços. E a riqueza dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial que tanto se manifesta pela produção de trabalho e de vida. Com isso, aliás, tanto se ampliam a necessidade e as formas de divisão do trabalho, como as possibilidades e as vias de intersubjetividade e da interação. (SANTOS, 1999, p.259 )

Na constituição e organização do espaço urbano, vem de longa data, a dificuldade de contemplarmos a diversidade socioespacial manifesta na produção de trabalho e de vida sobre as quais nos falava Milton Santos. Observa-se na

---

<sup>46</sup> Entrevista do Padre Julio Lancelotti a respeito do processo de gentrificação no centro de São Paulo, sem data.

transformação histórica da cidade uma tentativa de periferizar as camadas pobres da sociedade na busca de preservar as regiões centrais e melhorar o aparelhamento urbano dos grupos mais privilegiados. Entretanto, Magni (1994) revela que o segmento social que habita as ruas mina este projeto hierárquico de centro-periferia quando utiliza livremente as regiões centrais acampando em seus espaços públicos temporariamente. Desta forma, por não se fixar na periferia e por inverter os princípios de classificação dos espaços da rua e da casa, a pessoa em situação de rua subverte duplamente a ordem social. Tal forma de inserção espacial diverge do padrão sedentário dominante.

Magni (1994) dirá ainda que convivem no meio urbano certos segmentos sociais nômades que divergem profundamente da norma sedentária, a qual se apresenta como condição essencial para a formação e o desenvolvimento das cidades. A não-fixação domiciliar, que caracteriza o modo de vida da maior parte da população que habita na rua, promove uma intensa mobilidade espacial e, portanto, existencial, que faz deste segmento um dos representantes *nômades da cidade*:

A população de rua move-se constantemente num sistema nômade de moradia, acampando em 'trechos' da rua (daí a denominação 'trecheiros') em que encontrem relativo isolamento e proximidade de água para realizar suas atividades cotidianas. Em plena urbe moderna e seus avançados recursos tecnológicos, faz-se uso de técnicas rudimentares, como fogueira para aquecer, cozinhar, iluminar e integrar o grupo. (MAGNI, 1994, p. 20)

Ao acompanharmos a trajetória histórica proposta por Virilio (1993), vemos que, no século XIX, a oposição social era entre o campesinato e o proletariado. O campesinato ia tornar-se proletariado nas cidades. No século XX, a

oposição é entre a periferia e a cidade. E, no século XXI, teremos a oposição entre sedentários e os nômades. Os sedentários são os que estão em casa, em qualquer lugar, no trem, na rua, com o laptop, com o celular... Os nômades são os que não estão em casa, em lugar nenhum.

A idéia proposta por Virilio sobre os sedentários, num primeiro momento, nos leva a pensar que são aqueles que se movimentam o tempo todo de um lugar para outro. Mas se levarmos em conta o que nos falava Guattari (1992), a respeito do falso nomadismo, constataremos que o significado da palavra sedentário permanece. Conforme o dicionário da Língua Portuguesa Silveira Bueno: “*sedentário adj. Que está sempre sentado, que anda ou se exercita pouco; inativo.*” Poderíamos inferir que o sedentário *não se põe em movimento*, é antes aquele que *sofre o movimento da cidade contemporânea* e é “*levado pela onda*”. Já o nômade é aquele que, pelo movimento contínuo de um ir e vir, não estabelece uma relação de propriedade, de casa.<sup>47</sup>

Ao acompanharmos Junia de Vilhena em seu texto *Da claustrofobia à agorafobia. Cidade, confinamento e subjetividade*, perceberemos a importância do território como agenciador de subjetividades. A autora nos fala que as consequências da privatização do espaço público por uma doutrina de *segurança* que instala grades, cercas e outras barreiras, indicam uma colonização de nosso imaginário. A restrição da circulação pela cidade, a desconfiança mútua entre os territórios da favela e do asfalto são analisadas como fatores de influência nas formações subjetivas.

---

<sup>47</sup> Desenvolveremos melhor esta idéia na próxima parada: A casa da rua.

O espaço é um campo de construção da vida social onde se entrecruzam, no tempo plural do cotidiano, os fluxos dos acontecimentos e os fixos – o incontável arsenal de objetos técnicos. Cada espaço é, portanto, global e particular; expressa o mundo e condições próprias, singulares de sua constituição.<sup>48</sup>

Antonio Arantes, em *Guerra dos Lugares*, traz sua hipótese de trabalho de que a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, lugares e não-lugares, que resulta na formação de contextos espaço-temporais flexíveis, mais efêmeros e híbridos do que os territórios sociais identitários. Desta forma, os habitantes da cidade deslocam-se no espaço urbano, de modo que vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam, ou ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações.

Na edição de nº. 12, ano III, o Jornal Boca de Rua traz como matéria de capa: Cidade Partida.

Porto alegre tem duas cidades dentro dela. Numa, pobre não entra. Na outra é proibido burguês. A cidade dos ricos são os shoppings, os restaurantes, os clubes, os condomínios fechados, os edifícios com porteiro. Se entrar morador de rua e homossexual, ou negro pobre, por exemplo, todo mundo fica olhando e muitas vezes os seguranças pedem para se retirar ou chamam a polícia. A outra cidade são os morros, as vilas, os becos, os mocós, as boates de pobre. Nestes locais, os burgueses nem chegam perto. Se chegarem, são assaltados, esculhambados. Mas existem lugares em que as duas cidades se encontram. São os parques, as feiras, as praias e alguns espaços culturais. Não é um encontro de confraternização, porque tem muito preconceito, muita discriminação.

---

<sup>48</sup> Vilhena, 2003, p. 77.

Na passagem deste texto do Jornal Boca de Rua podemos visualizar claramente a distinção do que seria a influência no nosso imaginário das categorias da favela e do asfalto, das quais nos falava Junia de Vilhena. Também é possível ver instaurada a “guerra dos lugares” de Antônio Arantes. Fica claro que cada um tem um lugar delimitado na cidade.

O controle social assume a forma ritualizada de policiamento ostensivo: retórica que em princípio criminaliza o habitante das ruas, classificando-o socialmente como “coisa fora do lugar”, portanto simbolicamente suja e perigosa, segundo Antonio Arantes. Organizar, manter o controle, restabelecer a ordem, ou, como nos diz Junia de Vilhena,

O medo justifica a repressão policial, as intervenções militares, os abusos contra os direitos adquiridos – tudo em nome de uma ordem a ser “re-estabelecida”. O medo autoriza a violência do Estado e a criminalização ou medicalização da pobreza, em uma junção dos discursos médico e penal... (2005, p.23)

Que possibilidades teremos de encontro quando há aceleradamente um esvaziamento do espaço público em detrimento de espaços fechados? Já nos alertava Vilhena que a privatização do espaço público esvazia o que de político há nele – espaço aberto para as discussões – *a polis*.

Junia de Vilhena (2003) ainda nos dira que, este indivíduo condominizado não se direciona para o espaço público - praças, ruas, vizinhos, uma vez que se encontra assentado em solitárias formas de convivência. Assim, do Outro, visto

como ameaçador ou como uma cópia imperfeita do Eu, é preciso se afastar, uma vez que o diferente deve ser banido de sua convivência. O que é que o laço social vem disponibilizando ao sujeito contemporâneo? O que faz o reconhecimento do outro como semelhante e que permite a vida em comunidade?<sup>49</sup>

Questões fundamentais e que nos fazem parar e pensar nas relações que estabelecemos com a cidade, com o outro, conosco mesmo. Não temos a pretensão de trazeremos respostas a estas e tantas outras questões que delas suscitam. Mas podemos apontar alguns caminhos junto a nossos interlocutores, que também não nos trazem verdades acabadas, mas disparadores que nos ajudam a continuar pensando. Lembramos aqui da potência da multidão de Toni Negri(2001), e em sua aposta na multiplicidade e na singularidade da multidão como potência, pois o poder é superstição, organização do medo:

Ao lado do poder, há sempre potência. Ao lado da dominação, há sempre insubordinação. E trata-se de cavar, de continuar a cavar, de continuar a cavar a partir do eixo mais baixo: este ponto... é simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são mais pobres e as mais exploradas; ali onde os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe: pois tudo isso é a vida e não a morte. (NEGRI, 2001, p. 54)

E nesse sentido lembramos dos “homens lentos” dos quais nos fala Milton Santos, que rompem com a velocidade do fluxo rotineiro da cidade e *produzem espaços de criação*. E por fim também trazemos Junia de Vilhena, que nos diz que trata-se mais de buscar, simultaneamente, um território-mundo, de

---

<sup>49</sup> Questões essenciais, pontuadas por Junia de Vilhena, 2003, p. 86.

valores, direitos e deveres universais, que conviva com os singulares territórios de nosso grupo, nossa fratria, nosso coletivo, sempre respeitando a singularidade que é, não apenas inerente ao ser humano, mas fundamental na difícil tarefa do existir<sup>50</sup>.

Seguimos nossa caminhada, inspirada no ritmo dos “homens lentos”, rumo a nossa próxima parada: A casa na rua: Gente-Caracol.

---

<sup>50</sup> Vilhena, 2003, p. 86.

## 5 PARADA QUATRO

### A Casa na Rua: Gente-Caracol

"Casa, aba da pradaria, ó luz da tarde,  
De súbito adquires uma fase quase humana.  
Estás perto de nós, abraçando, abraçados."  
Gaston Bachelard

O encontro com Bachelard (1993) propõe a ampliação do conceito de casa para espaço de moradia, local em que paramos para repousar, para nos sentirmos seguros de todas coisas que nos preocupam. A casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo.

Às vezes a casa cresce, estende-se. Para habitá-la é preciso maior elasticidade de devaneio, um devaneio menos desenhado. "Minha casa", diz Georges Spyridaki, é diáfana, mas não é de vidro. Teria antes a constituição do vapor. Suas paredes condensam-se e se expandem segundo meu desejo. Por vezes, aperto-as em torno de mim, como uma armadura de isolamento... Mas, às vezes, deixo as paredes de minha casa se expandirem no espaço que lhes é próprio, que lhe é a extensibilidade infinita" (BACHELARD, 1993, p. 66)

Uma casa em que as paredes se expandem no espaço, trazida por Bachelard, dá o foco ao tipo de casa ou espaço de moradia que queremos aprofundar, ou seja, a casa daqueles que têm a rua como moradia.

Na edição de nº. 11, de dezembro2003/ janeiro e fevereiro de 2004, o Jornal Boca de Rua traz como matéria de capa Gente-Caracol:

Morador de rua também tem casa. Como qualquer casa, é construída na rua, só que não tem paredes e é armada e desarmada conforme a necessidade. Ela é chamada de mocó e montada em um lugar para a pessoa dormir em paz. Muitas pessoas carregam seus mocós nas costas como caracol ou tartarugas.

Gente-Caracol apresenta a possibilidade da existência de uma casa-corpo. Concebendo o corpo como um espaço, ao mesmo tempo exterior e interior, com o qual o homem se encontraria parcialmente identificado, embora indissoluvelmente vinculado, conforme Bollnow apud Palombini, 2004. Visualizaremos a relação que este autor estabelece entre o homem e sua casa. A casa estaria situada, para o homem, como o centro do mundo que o enraiza no espaço e ao qual estão referidas todas as suas circunstâncias espaciais. Cabe-nos indagar como poderíamos pensar nessa relação proposta entre o homem e sua casa quando a casa que estamos problematizando estaria no próprio corpo. Gente-Caracol traz uma casa carregada junto ao corpo, assemelhando-se ao caracol e à tartaruga. Animais que, como sabemos, sentem-se totalmente desprotegidos quando fora de sua casa-corpo. A idéia de casa aqui proposta contrapõe àquela ligada ao modelo familiar burguês: ambiente sem nenhum grau de porosidade, que não se deixa penetrar pelo cheiros, pela sujeira, pelo ruídos das ruas.<sup>51</sup>

Cecília Coimbra (2003), nos diz que essa concepção de homem intimizado, preocupado com o auto-conhecimento e a auto-realização, emerge no mesmo contexto histórico – meados do século XIX – em que também se forja um determinado modelo de família e de lar. Esse território é o lugar do refúgio, do íntimo, do privado, em oposição ao espaço público. Tenta-se preservar o eu que o

---

<sup>51</sup> Idéia trabalhada por Palombini, 2004.

exterior parece desintegrar. O território do público não é só desqualificado e esvaziado, mas é identificado como o lugar do perigo, das doenças, da barbárie. As ruas devem ser evitadas; os coletivos despertam desconfiança. Nesse contexto, a família nuclear e o lar burguês passam a ser os territórios da segurança, da afetividade e da saúde. As dicotomias que opõem o público ao privado, o interior ao exterior, o homem à sociedade são instituídas. Criam-se determinadas essências e modelos de homem, de família e de sociedade. Concordamos ainda com Baptista<sup>52</sup> que a casa, assim como a cidade, é potencialmente não o espaço de confirmação da identidade, mas o campo de experimentação da vida, de encontros, de sociabilidade, polissêmico, mutante, multifacetado.

Tânia Galli (2003) nos diz que a cidade pode dar lugar à imagem de uma imensa casa, “o lugar onde moro”, pode ser concebida como uma máquina produtora de subjetividade individual e coletiva, como território em que se cruzam questões econômicas, sociais e culturais. E acrescenta: os corpos não estão na cidade, eles habitam e são sustentados por ela, podendo-se mesmo falar de uma cidade subjetiva, guardada ou trincheira dos sujeitos/habitantes, espécie de morada, de um universo de referência onde se constroem territórios existenciais.

Trazendo nosso foco para o contexto urbano veremos que a sobrevivência cotidiana de quem tem a rua como casa, ou melhor, como espaço de moradia, transgride os princípios básicos da organização social que distinguem claramente as esferas e as atividades públicas das privadas, ou seja, o que é próprio da 'casa' e o que é próprio da 'rua'. Magni (1994), defende a idéia de que a

---

<sup>52</sup> Baptista apud Palombini 2004

apropriação do espaço público para fins domésticos abala a lógica urbana quanto à clara diferenciação entre rua e casa.

Zaluar (1992) irá dizer que, para pensar a questão do viver na rua, é preciso considerar que em todas as sociedades humanas existe alguma separação entre o que "*público*" e o "*privado*", seja a tribal, a medieval, a capitalista, a socialista, assim como em todo tipo de sociedade permanecerá a preocupação com o espaço denominado de "*lugar íntimo*", do particular, do secreto, do que não é exposto aos olhos públicos.

A autora coloca que, com o deslocamento permanente de uma parte da população para a rua, colocam-se problemas para serem pensados sobre a separação entre o público e o privado. Isto porque, primeiramente, a exibição na via pública dos atos usualmente realizados na intimidade provoca rejeição dos que são obrigados a assisti-los, na medida em que subverte este princípio da separação básica da vida social humana:

A falta de privacidade também repercute nos que vivem na rua por sua condição de expostos permanentes à curiosidade, à intromissão, à agressão, o que os torna particularmente vulneráveis às manifestações do poder repressivo difuso, isto é, exercido por qualquer pessoa, e do poder repressivo monopolizado institucionalmente, isto é, o da polícia. (ZALUAR, 1992, p. 23)

O encontro com as pessoas na rua provoca sentimentos e sensações inusitadas que só compreende quem realmente já se lançou à rua. Antônio Arantes divide conosco sua experiência: "Sou seduzido pelas inúmeras zonas de limiaridade:

a cidade é um labirinto com vários centros, formado por uma sucessão interminável de zonas intersticiais e marcos fragmentários. Aí nada é fixo, nem mesmo os marcos edificadas têm vida perene. Transita-se constantemente, dificilmente se está.” (ARANTES, 1993, p. 200)

Arantes ainda nos conta que cacos e restos delimitam domicílios onde a intimidade dos gestos e das ações levantam paredes invisíveis mas presentes e que, ao serem atravessadas pelo olhar do pesquisador, fazem-no sentir-se intruso, indiscreto, e perceber a força dos limites simbólicos desses casulos no espaço público. Possivelmente, uma das questões aí implicadas é o fato de que as coisas que vemos, ouvimos e percebemos confundem a delimitação entre as esferas do público e o privado do qual nos falava Zaluar. Por exemplo, ao passarmos na rua e vermos um fogão improvisado, cheiro de fumaça e comida na brasa, algo de familiar e muito estranho se instala. Como é possível se cozinhar embaixo de um viaduto, de uma ponte? Tudo é tão cinza ao redor, as paredes, os prédios, a sujeira das ruas e a água engordurada que ferve e levanta fumaça que se junta à fumaça das chaminés das fábricas que poluem a cidade.

Se pensarmos que esta cena também faz parte da poluição da cidade, é como se tudo isto fizesse parte de uma costura, não muito bem posta, que se delinea por entre os cantos, muretas, jardins e águas que há muito tempo já não são mais límpidas, cortando a cidade. E só poderemos ter acesso a essas imagens se nos dispusermos a sair à rua, aventurar-nos por um caminho pouco determinado ou pré-estabelecido, pois, como diria Chnaiderman,<sup>53</sup> “nada como caminhar pelas

---

<sup>53</sup> Chnaiderman, M. , 2004, p. 16

bordas das ruas, pelo escuro dos cantinhos, nada como descobrir a cidade não institucionalizada, para pensarmos em nossos cotidianos”.

Nessas andanças pela rua, é possível salientar que a escolha da população de rua pelo trecho da rua em que passam a maior parte do tempo não se dá de forma aleatória. No acompanhamento aos chamados loucos de rua<sup>54</sup> pudemos constatar que o trecho escolhido tinha referência a algo significativo de sua história. Podemos trazer alguns exemplos que podem ilustrar essa idéia:

- Isabelita veio a morar na mesma rua, próximo ao mesmo prédio em que morava anteriormente com sua tia;
- Eli veio da cidade de Bagé e fixou-se na calçada junto ao Edifício Bagé, em Porto Alegre, à espera de um irmão caminhoneiro que viria buscá-la, mas que nunca apareceu;
- Seu Venâncio trabalhador do Cais do Porto, e que teria ido para rua por uma desilusão amorosa, hoje situa-se próximo ao muro da rua como o "dique" circulando a beira do rio no centro da cidade;
- Seu Atílio, depois de sair da casa de sua família, foi morar a três quadras adiante de seus familiares, só que agora na rua;
- Seu Chico, depois de residir por mais de 20 anos no Instituto Psiquiátrico Forense, passou a morar na rua ao lado do Fórum Central da cidade, e assim tantos outros...

---

<sup>54</sup> Expressão desenvolvida pela autora no trabalho de graduação do curso de Psicologia: A NAU DOS LOUCOS NA RUA - Reflexões sobre o trabalho com moradores de rua de Porto Alegre, 2002.

A partir desses exemplos, podemos perceber que os chamados loucos de rua<sup>55</sup> não andam por aí em busca de diferentes lugares para residirem. Depois que se fixam em um local, aquele passa a ser sua referência de casa, de espaço de residência. Temos notícias de pessoas que, mesmo sendo agredidas, ameaçadas ou obrigadas a desocuparem o local, passado algum tempo, voltam a se aproximar, parar pelos arredores, até que voltam a seu local inicial.

Contudo, este fato não se observa muito entre os habitantes das ruas. Eles andam pela cidade em busca de locais de abrigo segura e próximas a oportunidades de trabalho. Geralmente estão em grupos e ficam embaixo de pontes, viadutos ou marquises de prédios abandonados. Ali, juntam pertences e utensílios, de modo a compor um ambiente aproximado daquele obtido entre quatro paredes. Com papelões, latas e restos de madeira improvisam paredes, juntam móveis descartados no lixo e fazem camas com colchões. Algumas vezes, fazem até mesmo ligações elétricas clandestinas. Isto porque a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade, segundo Bachelard. Logo poderíamos pensar na tentativa do povo da rua de reproduzir uma idéia de casa que traga centralidade, um norte em meio a tantas coisas desconexas e mutáveis que se apresentam no cotidiano da rua. Casa desmontável ao amanhecer e colada ao corpo que continua seu perambular pela cidade.

O vídeo "*Habitantes da Rua*", de Claudia Turra Magni (1994), traz algumas questões interessantes sobre as pessoas que vivem nas ruas de Porto Alegre. As gravações acompanham o cotidiano de homens e mulheres que têm na rua seu paradeiro. Vejamos alguns recortes das entrevistas realizadas:

---

<sup>55</sup> Pessoas em situação de rua que apresentam sofrimento psíquico.

"O cara se acomoda demais... O cara se acostuma nessa vida aqui... Se for pra uma casa, pra uma coisa, se sente preso... Segue naquele ritmo de trabalho como papeleiro e aí qualquer lugar, até o carrinho, se botá um plástico nele ali, bota uma lona, já é tua casa, como diz o outro... E, desde esse tempo aí, nunca (houve) uma discussão aqui dentro, nunca hove nada, todo mundo se entende... Quando um tá doente, um sai pra buscá remédio... É tipo uma comunidade. Tem cozinheiro, cada um faz sua parte... Aqui não é uma turma desunida... Claro, nossa vida é muito precária. Mais, fazer o quê? A gente tem que mais é seguir em frente. Não adianta dá muita volta prá lá e prá cá..."

Em uma das entrevistas, um rapaz fala a respeito das diferentes pessoas que moram na rua: *"Têm pessoas que sempre conviveram na rua, já tem aquele aspecto a gente olha, a gente nota e têm pessoas que sei lá... por acaso perderam parente ou alguma coisa que aconteceu e foram pra rua..."*

Podemos perceber que a população de rua está no meio de tantas coisas pertencentes a todos; ao mesmo tempo, está muito dentro de si mesma, fechada, enclausurada, dentro de sua própria-casa-corpo. Quem sabe até fugindo do mundo de fora de si mesmos... Pessoas que, certamente, imprimem um outro ritmo à cidade, nem que seja em meio ao trânsito, com seus lotados carrinhos de materiais recicláveis, para o delírio do cidadão urbano que tem pressa.

Milton Santos (1999) também se refere a um outro movimento perceptível na cidade para além da velocidade, da informação e da tecnologia. Acompanhamos o que nos fala Milton Santos:

Agora, estamos descobrindo que, nas cidades o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens 'lentos'... Acusados por uma literatura sociológica repetitiva, de orientação ao presente e de incapacidade de prospectiva, são os pobres que, na cidade, mais fixamente olham para o futuro. (SANTOS, 1999, p. 261)

Apostar no movimento dos homens lentos abre uma outra perspectiva para os pobres da cidade que vai além da visão uniforme e indiferente apresentada pela cultura de massa. Significa também dar lugar à cultura popular que “simboliza o homem e o seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade através da mudança” (SANTOS, 1999, p. 262)

Até aqui pudemos apontar que o conceito de casa para aqueles que estão na rua é diferente do nosso conceito de casa, que é próprio daqueles que se protegem entre quatro paredes e respeitam os limites entre o que é público e o que é privado. Já para os que residem na rua, a idéia de casa pode lembrar os conceitos de Bachelard como espaço de referência e territorialidade, reproduzindo, a céu aberto a semelhança na composição de objetos que se aproximem da casa idealizada por cada um. Mas também a casa pode ser entendida e vivida como casa-corpo. Neste caso, o conceito de casa está reduzido ao próprio corpo em definitivo, o qual serve de abrigo e referência a toda e qualquer situação apresentada, uma casa frágil que insiste em mostrar-se resistente frente a tantas dificuldades apresentadas sob o céu da cidade. Podemos também vislumbrar a possibilidade de uma cidade subjetiva, associada à imagem de uma imensa casa, o “lugar onde moro”, como nos falava Tânia Galli.

Instigados com a idéia de uma cidade subjetiva, seguiremos nossa caminhada em direção à nossa quinta e última parada, na qual apresentamos o Mundo da Rua: espaço de subjetivação.

## 6 PARADA CINCO

### O Mundo da Rua: Espaço de Subjetivação

*A rua, a rua, eu gosto é da rua !  
Desde garotinho  
O som que me pega  
É aquele som da rua...  
Ed Motta – Música A rua*

A expressão *O Mundo da Rua* entra em cena neste estudo para apontar as peculiaridades que emergem a partir do modo de habitar, relacionar-se consigo e com outros, bem como o exercício de atividades que buscam a satisfação das necessidades básicas inerentes à população de rua. Aponto aqui para a idéia de rua, ou do aqui chamado *mundo da rua*, como dispositivo – no sentido Foucaultiano<sup>56</sup> - de modos de existir na cidade contemporânea.

Cabe ainda esclarecer um pouco mais a idéia de subjetivação que estabelecemos neste trabalho:

Foucault não emprega a palavra sujeito como pessoa ou forma de identidade, mas os termos “subjetivação”, no sentido de processo, e “Si”, no sentido de relação (relação a si). E do que se trata? Trata-se de uma relação da força consigo (ao passo que o poder era a relação da força com outras forças), trata-se de uma “dobra” da força. Segundo a maneira de dobrar a linha de força, trata-se da constituição de **modos de existência**, ou da **invenção de possibilidades de vida** que também dizem respeito à morte, a nossas relações com a morte: não a existência como sujeito, mas **como obra de arte**. Trata-se de inventar modos de existência,

---

<sup>56</sup> Dispositivo – Foucault – “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos”. (1995, p. 244)

segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles. Mas os modos de existência ou possibilidades de vida não cessam de se recriar, e surgem novos [grifos meus]. (DELEUZE, 1992, p. 116).

Partindo da idéia apresentada: o Mundo da Rua enquanto Espaço de Subjetivação busca investigar o significado dessa rua-casa para a população em situação de rua. Apresentamos alguns deles: Como poderia ser pensada uma casa sem quatro paredes? De que casa estaríamos falando? Quais as relações que se estabelecem entre as pessoas que têm casa e as pessoas que moram na rua? E que relações as pessoas que moram na rua estabelecem entre si?

A escuta das pessoas que habitam as ruas de nossa cidade dará contorno a essas e outras questões que se propõem a desenhar com um pouco mais de clareza o mundo da rua enquanto espaço de subjetivação. Seguimos no mundo da rua e vamos focar mais de perto seus habitantes.

## **6.1 Rua Subjetiva**

“Sento sozinho de frente pro nada, não quero papo, não quero me enturmar, não me dou bem com as pessoas, não consigo conversar.” Beto - habitante do Parque da Redenção há alguns anos - explica que na rua não tem amigos, tem apenas conhecidos. Pessoas que junto com ele procuravam um lugar seguro para dormir, se proteger do frio e partilhar alimentos que conseguiam “por aí”. Conta que na rua é difícil confiar nas pessoas, pois já passou por várias “encrencas” por causa dos que, segundo ele, se diziam amigos. Tomou facada e tiro sem ser preciso, agora prefere ficar sozinho no seu canto, explica.

A história de Beto não passa de forma isolada no mundo da rua. Vários relatos enfatizam a reunião de pessoas que fazem festas, usam drogas, se alimentam e dormem juntas na rua. Mas quando se pergunta sobre a amizade parece que em poucos casos se pode dizer que se tem amigos na rua. Um clima de desconfiança toma conta de todos e aquele que está ao seu lado pode ser quem vai te “chineliar”<sup>57</sup>. Assim, não é difícil escutar sobre a solidão do estar na rua. De estar perto de muitas pessoas e poder contar com poucas.

Numa conversa com Beto e Douglas<sup>58</sup>, ambos se queixavam da dificuldade da vida na rua. “Tem que correr pra conseguir comida, correr pra fugir da polícia, pra fugir dos contras<sup>59</sup>, correr pra conseguir drogas...”. Quando indagados “se na rua é tão ruim assim por que continuam nela?”, então a queixa se desloca e é transposta para a família que é difícil, os problemas “que encham a cabeça” quando estão em casa, as cobranças, as dificuldades de se relacionarem com os outros, a vontade de se isolar. E assim, diz Douglas:

“Venho para a rua pra descansar a cabeça, ficar aqui sozinho, não pensar em nada, ficar com os meus pensamentos. Mas é difícil, quando o cara menos espera chega um cara para conversar com a gente ou oferecer um bagulho. Esses dias subi numa árvore para ficar sozinho, os porcos<sup>60</sup> passaram lá embaixo a cavalo e não me viram, fiquei lá. Quando não demora aparece o Tomás e, pronto parece que sabia, me descobre lá!”

Douglas fala com indignação da dificuldade de ficar sozinho, na solidão dos pensamentos, na rua. Isso remete a pensar na visibilidade daquele que, de certa

---

<sup>57</sup> chineliar – roubar, passar a perna.

<sup>58</sup> Nomes fictícios

<sup>59</sup> “contras” – pessoas que por algum motivo querem lhes prejudicar.

<sup>60</sup> “porcos” – policiais

forma, se faz invisível, não quer fazer-se ver, quer passar despercebido na multidão, fazer parte da massa do grande centro urbano e por ali permanecer. Sem dar satisfação a ninguém, fazer o que tiver vontade, *“ir para onde a vida levar”*. Ao mesmo tempo, se vê enredado na teia da rua que a todos amarra e faz tecitura, deixando suas marcas muito além daquelas visualizadas no corpo.

Chama a atenção a forma de vida ligada inteiramente ao tempo presente, no momento, no aqui e agora. Mais do que o passado, o futuro torna-se algo muito distante e, em alguns casos, inexistente. A ausência de projetos de vida para si e para/com os outros traduz-se numa não-aposta na possibilidade de uma vida digna para si e para os que o cercam. A posição de receptividade, de achaque, de pedinte, chega mais forte e traz consigo a anulação do desejo enquanto mola de criação de possibilidades de vida. Vida aqui entendida como valor, bem necessário para se continuar vivendo. Mas a maior parte do tempo é vivida no hoje, no tempo do agora, e o depois se vê quando ele chegar. Essa postura só se mostra abalada quando coisas inusitadas acontecem, principalmente as que levam à real iminência da extinção da vida. Nessas ocasiões, o discurso muda, e fala-se em *“sair dessa fria em que me meti”*, ou *“escapei por pouco, mais uma vez, agora tenho que me cuidar”*. São momentos raros de um despertar que sinaliza que ainda se está vivo e que é necessário zelar pela vida. Mas não tardam a colocar-se em risco outra vez.

Colocar-se em situações de risco, sim, em situações em que a vida pode deixar de existir. Mas que vida existe quando não se deseja construir um processo de continuidade da vida, não se vislumbra a possibilidade de um amanhã, quanto menos com ele se dará? Por outro lado, como estabelecer continuidade frente a uma

realidade totalmente incerta e descontínua, em que apenas o tempo presente dá garantias ao que está se vivendo, pois o amanhã é uma incógnita?

O percurso infantil na rua torna-se muito semelhante ao que se passa no mundo dos adultos. Logo, quando crescem e se tornam pré-adolescentes, ou adolescentes, vão perdendo a alegria e a espontaneidade de sonhar. Entram em contato com a nua realidade da rua, sem mais o auxílio das brincadeiras que ludibriavam a realidade. Acabam entristecendo e agindo conforme seus pais ou companheiros de ruas. Entram no esquema, na correria, e o tempo para pensar sobre si e o que se passa consigo fica escasso. Busca-se agora uma luta em prol da sobrevivência. Uma sobrevivência do agora, que deixa de lado o sonho e a possibilidade do fazer diferente do outro, ao redor. A escassez aqui não é só de bens materiais, mas principalmente de sonhos e perspectivas de escolha de vida. Há um empobrecimento do desejo. Olhando rapidamente, parece que a criança, agora adolescente, precisa encontrar seu papel nessa família, ser útil de algum modo, contribuir com a busca do alimento e do dinheiro de que a família precisa. Uma lei onde as palavras também denotam pouco valor. O corpo ganha seu status mais selvagem ou sensual, e imprime a sexualidade como uma das formas de buscar o que é esperado por todos. Organização esta em que certamente os meios justificam os fins, pois é o bem de todos que está em jogo. Sem dúvida, uma lei perversa que massacra a possibilidade de fazer diferença, em relação, ao meio e ao modo de vida em que se está inserido.

A vida na rua também tem um percurso solitário. O amigo não é o amigo, é o colega que divide o espaço da cama improvisada durante a noite. Faz-se

necessário *dormir com um olho fechado e outro aberto*, como diria Beto. Não se sabe o que vai acontecer, o inesperado pode insurgir. Desconfia-se de todos, e às vezes também se tenta passar a perna quando possível. Momentos de confraternização quebram esse clima e trazem consigo a oportunidade da partilha, do estar junto, do dividir o pão nosso de cada dia. “*Hoje eu coloco na mesa, todos comem, amanhã outro*” faz o mesmo papel. A idéia do “*é dando que se recebe*”, faz parte do cotidiano das ruas.

Em alguns momentos, penso numa escassa possibilidade de vida na rua. E uma não-vida se instala, como se a chama do desejo estivesse quase se apagando e com ela os limiares das linhas que levam à aposta na vida. Nesse momento lembro de inúmeros casos, de situações em que mudanças e movimentos para além desta estrutura de uma “vida do agora” seria possível. Oportunidades de trabalho e moradia que poderiam abalar essa vivência na rua são bem recebidas, acolhidas. Na fala, a expressão de uma tentativa de querer mudar de vida, fazer diferente. Mas o que se constata, na maioria dos casos,<sup>61</sup> é a preponderância de um discurso que não se sustenta em atos e fica perdido na imensidão da rua. Recordo o caso de Rodolfo, com quem falei sobre um trabalho em que se exigia o primeiro grau - ele já tem o segundo grau e havia dito que precisava arrumar um emprego. Rodolfo se interessou; disse que ia se inscrever e pegou o endereço. Mas não conseguiu nem chegar ao local combinado.

---

<sup>61</sup> Aqui quero apontar para uma visão da rua que possa ir além daquela que nada é possível, mas apontar, sim para as dificuldades de se sustentar uma vida na rua.

Por outro lado, o mundo da rua mostra-se atraente e produtor de imensa “*euforia, agito que não deixa a pessoa pensar besteira*”, segundo Douglas. A rua aqui se assemelha a um espaço de grande embriaguez que a todos toma e entorpece os sentidos e anestesia a vontade de viver-desejar.

Ainda me pergunto até que ponto a situação econômica desfavorável, a miséria como um todo, também impulsiona esse desgarramento em relação à própria vida. Até que ponto a falta de recursos para suprir suas necessidades também não se torna um aliado dessa idéia. Poderíamos deste ponto de vista imaginar situações de violência ou agressividade extrema, necessárias sim, para realizar atos que envolvem situações de delitos, como relâmpagos de desejo, ou serão a busca de agregados que possam compor esse corpo dilacerado? Em outros momentos, me pergunto se a exposição a situações de riscos que podem levar à inexistência da vida também não seria um grito em prol da marca da existência e pedidos, sim, de socorro, pois está difícil de levar a vida por si só. Apresentar-se vivo, chamar a atenção para si, exatamente em momentos de maior risco, da iminência da vida deixar de existir.

Por fim, não me resta outra questão se não essa: como constituir oportunidades que provoquem/convoquem a pensar sobre a importância de um processo de continuidade e investimento na vida?

Acredito que o Boca de Rua se esforça para ser um espaço de instauração de vida, para além da *vida nua* da qual nos falava Agamben. Vida que

também se dá na rua. Refletir sobre os pontos de não-vida na rua, quando da luta desenfreada por si mesmo em detrimento do outro, aproxima e muito a realidade da rua ao do *cidadão de bem*, capitalista, individualista de nossa sociedade. Estaríamos todos sob o mesmo regime e as possibilidades de mudança seriam poucas, as que todos já sabem. E a esperança? Talvez Ernest Bloch (2005), em seu livro *O Princípio Esperança* nos ajude nessa hora, quando nos diz que há sonhos que nos acordam, que convocam a ação. E, como completa Edson Sousa, é aqui que devemos pensar na função das utopias como uma das atitudes mais responsáveis diante da vida. Instaurar um movimento que nos permita sonhar, acreditar num mundo coletivo em que o encontro esteja presente.

## 6.2 Boquinha como possibilidade de sonhar

*O menino-fantasma e a pipa*

*O menino – fantasma morreu criança. Quando ele era vivo não tinha infância. Ficava sempre dentro de casa fazendo pipas. Depois de morto saiu para soltar a pipa no pátio. Todo mundo correu apavorado e ele ficou ainda mais apavorado do que os outros. Não sabia que estava morto.*<sup>62</sup>

Oxigênio! Talvez seja essa a definição para o Boquinha, encarte infanto-juvenil do jornal Boca de Rua. Trabalhar com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social é de todo complexo, um desafio constante. O maior deles

---

<sup>62</sup> Na edição nº. 18, out.,nov.,dez. 2005 as crianças que participam do suplemento Boquinha do jornal Boca de Rua escreveram sobre histórias de Bolso

talvez seja o de *não desistir deles*, reabastecer a esperança e seguir apostando, apesar de todas as dificuldades<sup>63</sup>.

Em meio a tantas dificuldades apontadas pela vivência na rua, já descritas neste trabalho, o encontro com o Boquinha é permeado por uma linguagem poética. Criatividade e poesia são o que eles compartilham conosco a cada edição. Trazem seus sonhos, suas alegrias, seus desejos e suas esperanças de um mundo melhor para todos, ou melhor, de um mundo onde caibam muitos outros mundos.

Na edição de nº. 19, ano IV, de janeiro, fevereiro, e março de 2006, surge o “Universo Paralelo”, e tem como matéria de capa:

*Cada planeta é um pedaço do mundo. Mas cada planeta também é um mundo. Eles são um mundo pequeno que faz parte do mundo grande. Como uma família. Além dos planetas que a gente conhece. A gurizada do Boquinha inventou vários. Um deles foi o Planeta da Alegria, onde tem unicórnio, cavalo com asas e outros bichos diferentes: cachorro que anda embaixo da terra, escorpião sem veneno, tartaruga e gato que voam, girafa de pescoço curto. As pessoas também são de todas as cores. Tem moreno, branco, negro, escurinho, mas também tem gente de pele azul, vermelha, cor de laranja. Os velhos têm cabelo preto e, os jovens, cabelo branco. No Planeta do Estudo, os professores falam uma língua que todo os alunos entendem, não importa de que planeta tenham vindo. Só que não dá para colar, porque os professores marcianos têm muitos olhos. E ainda tem o Planeta de Fogo, com pessoas que se alimentam de carvão e bebem lava, e o Planeta do Cigarro, que é o lixo da Terra e tem tanta fumaça que as pessoas quase nem se enxergam.*

---

<sup>63</sup> No cotidiano de trabalho no Boquinha contamos com momentos difíceis em que os integrantes do grupo nos testam para ver o quanto essa aposta na continuidade do trabalho está estabelecida. De todo modo, o medo de que desistamos deles se faz presente, e é preciso trabalhá-lo.

Soltar a imaginação e criar o “Universo Paralelo” foi um exercício. A instalação de um espaço em que as crianças e os adolescentes puderam dar vazão às suas idéias e inventar o planeta de seus sonhos. Sugiram Planeta da Alegria, Bola de Fogo, Planeta do Estudo, Planeta Hip-Hop e Planeta do Cigarro. Apesar das características próprias de cada planeta, todos têm em comum: o espaço para a amizade, para a família e o espaço para ser diferente. As pessoas são de todas as cores, tamanhos e idades. Surgem planetas que mesclam fantasias e desejos. Além de cavalo com asas e cachorros e gatos voadores, também tem uma escola em que todos aprendem, pois os professores falam uma língua que todos os alunos entendem. Até no Planeta do Hip-Hop, mesmo sempre em festa, todo mundo vai na escola, é proibido ficar sem estudar e as crianças sabem ler e escrever.

O trabalho com o Boquinha se dá pela realização de oficinas lúdicas<sup>64</sup> e o desenvolvimento de projetos que enfatizam a sociabilidade, a afetividade e o contato com realidades outras, para além daquelas que as crianças e os adolescentes estão inseridos no cotidiano. Trabalha-se com constante incentivo à leitura e à escrita, bem como à (re)vinculação com a escola<sup>65</sup>. Apostamos na importância de um trabalho que estabeleça contato e parceria com as pessoas responsáveis pelas crianças e adolescentes, bem como, com a rede de atenção - saúde, educação e assistência social do município - a fim de potencializar a intervenção realizada.

---

<sup>64</sup> A escolha dos temas que irão ser trabalhados é feita e votada em grupo, assim como os passeios, visitas e idas ao cinema.

<sup>65</sup> Todas as crianças que fazem parte do Boquinha, antes em situação de rua, hoje estão vinculadas a alguma instituição de abrigamento e proteção, ou às suas famílias, fruto de um trabalho constante junto a cada criança, às instituições responsáveis e às famílias.

O Boquinha surgiu em março de 2003, na edição nº. 8, ano II, no jornal Boca de Rua.

*O Boquinha é um jornal que ilumina os meninos e meninas de rua. Crianças e adolescentes de qualquer cor. Podem dormir na rua ou necessitar de ajuda. O Boquinha não tem preconceito. Nós temos a cabeça boa para ir em frente. Apesar da nossa vida ser triste, a gente acha que pode realizar nossos sonhos. Temos esperança e queremos uma oportunidade... O Boquinha surgiu para ajudar a gente e dar uma chance para que todos possam falar...*

Nesta primeira edição, as crianças e os adolescentes do Boquinha criaram a história do personagem que inventaram: *o Boquinha*.

Faz de conta que ele é uma pessoa e é nosso amigo. O Boquinha tem 10 anos. Vive na rua, mas dorme em abrigo. Durante o dia fica no Parque da Redenção e na Estação Rodoviária. Ele perdeu a mãe e o pai, mas foi adotado por uma família que batia nele. Quando soube que eles não eram pais dele de verdade, fugiu de casa. Tentou arrumar trabalho, vender jornal. Não conseguiu. Então passou muita fome. A barriga roncava, ficou fraco, não conseguia nem caminhar. Tinha vontade de comer tudo que encontrava pela frente. Alguns guris de rua batiam nele, mas outros ajudaram – deram um pedaço de pão e roupas limpas. Então ele passou a pedir na rodoviária. Agora ele tá gordinho. O Boquinha é mulato, tem cabelo baixinho, gosta de futebol, de funk, de rap e de rock. Ele estuda e quer ser professor.

O personagem *Boquinha* surge espelhado a muitas características de vida dos integrantes do grupo: as dificuldades de relacionamento com a família, as necessidades enfrentadas na rua, como a fome e a violência. Mas também abre espaço para a projeção de sonhos, como o de estudar e se tornar professor. Durante as reuniões, os integrantes do Boquinha são estimulados a pensar, falar, desenhar, se expressarem e construírem juntos possibilidades de vida.

Os protagonistas do *Boquinha*, vêm participando de eventos em que apresentam o trabalho realizado pelo grupo. É indescritível, quase impossível narrar esses momentos em que, com muita propriedade, os integrantes explicam o que é o Boquinha e a importância de fazerem parte do grupo para eles.

O diferencial do Boquinha, está pautado no fluxo afetivo intenso que permeia as relações entre os profissionais da Rede Boca, que fazem as oficinas, e os integrantes. Emerge daí, a proposta de uma permanente acolhida, escuta e reflexão coletiva, bem como, a constituição de vínculo que ampara e fortalece as intervenções realizadas.

Na edição nº.10, ano II, de set./out./nov. de 2003, os integrantes do Boquinha declararam seus direitos e criaram o *Estatuto dos Meninos e Meninas de Rua*:

*“Todas nós, crianças, temos direito a uma família que nos proteja, nos dê carinho, amor e atenção. Não podemos ser usadas como se fôssemos bonecos. Os adultos têm que aprender que nós queremos e precisamos de respeito como qualquer ser. Por isso fica decretado que toda criança e adolescente de rua tem direito a:*

### ***Estatuto dos meninos e meninas de rua***<sup>66</sup>

#### ***Artigo 1º***

*Fazer todas as coisas que gosta que não prejudicam a ninguém*

#### ***Artigo 2º***

*Ganhar colo de mãe*

---

<sup>66</sup> Este Estatuto também foi reproduzido num periódico de grande circulação no país: O Estado de S. Paulo, em 27/07/2003, junto a uma reportagem sobre o jornal Boca de Rua.

*Artigo 3º*

*Não apanhar e nem deixar que façam “coisas erradas” com elas*

*Artigo 4º*

*Comer muito doce... e salgado também*

*Artigo 5º*

*Rir muito*

*Artigo 6º*

*Brincar, brincar e brincar de tudo: esconde-esconde, casinha, jogo, bicicleta, skate, correr pela rua, andar de pés descalços.*

*Artigo 7º*

*Não apanhar da polícia*

*§1º - Curtir muito som e assistir às bandas de música. Depois ficar conversando com os amigos sem que os brigadianos fiquem enchendo o saco.*

*§ 2º - Não ser chamado de ladrão quando não se roubou nada e ser ensinado a não roubar*

*§ 3º - Dormir sem medo*

*Artigo 8º*

*Não fazer nada*

*§1º - Responder “nada” quando alguém faz uma pergunta que a gente não quer responder*

*§ 2º - Dizer “não” quando não se quer alguma coisa*

*Artigo 9º*

*Respeitar e ser respeitado*

*Artigo 10º*

*Guardar um segredo no coração que ninguém possa saber*

*Artigo 11º*

*Estudar*

*§ 1º - Tomar água quando tem sede, fazer xixi quando tem vontade e ir no recreio na escola*

*§ 2º - Sonhar em ser alguém na vida, como médico, jogador de futebol, aviador, conselheira tutelar, cantor, professor, telefonista, dentista, bibliotecária ou trabalhador de qualquer tipo e ter dinheiro para sustentar a família*

*Artigo 12º*

*Ser uma criança feliz*

*§1º - com uma vida livre e em paz*

*§2º - com pessoas que gostem de você do jeito que você é, com as qualidades de quem dorme em abrigo, na rua ou na Rodoviária, trabalha de limpador de vidro de carro para comer ou pede dinheiro, um pedaço de pão e roupa*

*Artigo 13º**Ir ao médico quando estiver doente**§ 1º - Ser ensinado a usar camisinha quando chegar a idade de fazer sexo, para não pegar Aids nem engravidar**§ 2º - Não morrer por causa da droga**Artigo 14º**Viver toda a sua vida e não só a infância.*

Trazemos na íntegra este estatuto porque acreditamos que ele fala por si e deixa registrado aqui seu recado.

No trabalho com o Boquinha, como se pode visualizar através das edições, as relações se dão de um modo muito intenso, muito vivo, vibrante. Encontros nos quais se ensina, mas certamente, se aprende muito, muito mais, com cada palavra, cada gesto do grupo; que com sua simplicidade no ver e enfrentar os obstáculos da vida cotidiana nos diz, insistentemente, que a vida vale a pena ser vivida.

Recheiar a vida, como um biscoito de chocolate, prazeroso de comer. Construir estratégias de afastar-se da vida nua, de uma visão dos sacrificáveis da cidade, como diria Agamben, e instalar espaços em que sonhos sejam possíveis. E que a cada um seja possível *viver toda a sua vida e não só a infância.*

## REFLEXÕES FINAIS

### ***Cidade Contemporânea e o Habitar as Ruas***

*O humanitário separado do político não pode senão reproduzir o isolamento da vida sacra.*

*Agamben*

No decorrer deste trabalho muitas idéias foram se ampliando, sofrendo pequenas metamorfoses até chegarem momentaneamente a essa “impressão atual”. Pensar a questão da população em situação de rua, num primeiro momento, ampliou-se para um pensar a cidade contemporânea e, a partir daí, as relações que se estabelecem sob o céu da cidade. Os títulos que esta escrita teve dizem muito destes momentos. “*O Olho da Rua: Uma cartografia sobre os habitantes das ruas da cidade de Porto Alegre – RS*”, dizia da necessidade de estabelecer um contato mais próximo com as pessoas em situação de rua. Depois, em “*Sob o Céu da Cidade - Um estudo sobre os habitantes das ruas da cidade de Porto Alegre – RS*”, já era delineada com mais clareza a necessidade de se ampliar o olhar para o que se passava sob o céu da cidade, sob o enfoque da população de rua, para a cidade e suas relações. E por fim, com “*Gente-Caracol – A Cidade Contemporânea e o Habitar as Ruas*”, se produz uma escrita que parte de um foco – as pessoas em situação de rua – mas também aposta na necessidade de estabelecer uma conexão com a cidade em que vivemos e o habitar as ruas, não só do ponto de vista da população de em situação rua. O “*habitar as ruas*” vem num sentido propositivo de abirmos espaços em nossas relações para o convívio com o outro, também com o diferente. Abrir-se a uma cidade múltipla, uma cidade do contato, da vida.

Aqui procuramos romper com características cristalizadas dos supostos “bonzinhos e mauzinhos”. Insistimos na apresentação de falas, discursos, textos, conversas, diálogos com nossos interlocutores na tentativa de constituir um mapeamento das relações que se estabelecem na cidade contemporânea. Vale ainda dizer que durante todo o processo de escrita procuramos constituir um outro olhar para a população em situação de rua, para além daquela estabelecida, impregnada de preconceitos e moralismos. Tentamos deslocá-los de um olhar “da vida indigna de ser vivida”, ou então “dos incuravelmente perdidos” nas palavras de Agamben. E assim possibilitar um outro lugar de fala e escuta para além dos *homens sacros* da cidade, da *vida nua*.

Sabemos que, quando se estabelece *relação-contato* a idéia de ajuda humanitária perde seu valor. Lembramos um trecho do texto de Agamben, 2004, p.140, em *Homo Sacer*, quando ele nos diz que,

É suficiente um olhar sobre as recentes campanhas publicitárias para a arrecadação de fundos para os refugiados de Ruanda para dar-se conta de que a vida humana é aqui considerada ( e existem razões certamente para isto) exclusivamente como vida sacra, ou seja, matável e insacrificável, e somente como tal feita objeto de proteção... O humanitário separado do político não pode senão reproduzir o isolamento da vida sacra sobre a qual se baseia a soberania, e o campo, isto é, espaço puro da exceção, é o paradigma biopolítico para o qual ele não consegue encontrar solução.

Estabelecer *relação, encontro* do qual falávamos no texto, implica uma politização da vida. Pois a vida nua também não está mais confinada a um lugar

particular ou em uma categoria definida, mas habita o corpo biológico de cada vivente.<sup>67</sup> É necessário romper com a vida nua que há em cada um de nós.

Assim apontamos para uma indissociabilidade entre vida e política. Ao estabelecermos uma crítica à privatização do espaço público que esvazia o que de político há nele – espaço aberto para as discussões – a *polis*, como diria Junia de Vilhena, abrimos espaço para outras realidades além das homogêneas. Nos abrimos para a multiplicidade, para a instauração de uma cidade subjetiva, segundo Tânia Galli. Colocamo-nos em confronto conosco mesmo, com nosso modo de vida na cidade contemporânea. Isso nos leva a abrimos nosso horizonte de visão para a estrutura social em que nos situamos. Exige desnaturalização da *vida nua*. Faz-nos pensar em nosso papel enquanto parte da multidão que compõe a cidade, conforme Negri. E, ainda, perguntarmos: *o que cabe a cada um de nós?* Questão que certamente que se instala, nos faz pensar e produz desassossego.

Deixamos à idéia de uma postura, uma proposta de *estabelecer relação*, de um pensar sobre si e sobre a vida que leve em conta o outro que está ao lado. Num contraponto ao que nos vendem o tempo todo os meios de comunicação como ideal de vida na cidade. Numa pré-disposição ao estabelecimento de uma relação de *luta e de encontro*. Luta de várias forças que permeiam vários olhares sobre si e sobre a cidade, luta que se dá entre a visão e a confusão de dois pontos de partida de história. Encontro que é potencializador de todos os acontecimentos que daí suscitarão<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> Agamben, 2004, p.146

<sup>68</sup> Idéais de luta e encontro desenvolvidas por Cecília Coimbra em palestra proferida no X Encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO Regional Sul, em Curitiba, em setembro de 2004.

E, quem sabe, estabelecermos conexão com intervenções como a do Jornal Boca de Rua que abre espaço para o protagonismo de falas e críticas apresentadas pela população em situação de rua. De um protagonismo que emerge da possibilidade de apresentar-se como diferente e compor a gama de multiplicidade que se estabelece na cidade; estaremos, assim, estabelecendo uma relação utópica com a cidade. E viva o desviver!

## REFERÊNCIAS

ABREU, Paulo e PRATES, Jane. **Relatório de resultados da pesquisa sobre as condições de saúde mental de moradores de rua de Porto Alegre - RS**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre População de Rua - NESP Rua, 1999.

AGAMBEM, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ARANTES, Antônio. **A Guerra dos Lugares – Sobre as fronteiras simbólicas e Limiaridades no Espaço Urbano**. Revista do Patrimônio Histórico Nacional. São Paulo, 1993.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: 9º Ed. Forense Universitária, 1999.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAPTISTA, Luís Antônio. **As cidades da Falta**. In: SaúdeLoucura 6. São Paulo: Hucitec, 1997.

BENEVIDES, Regina. **A psicologia e o Sistema Único de Saúde: quais interfaces?** (no prelo)

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. In: Obras Escolhidas, vol 1, São Paulo, Brasiliense, 1994.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: Editora da Uerj e Editora Contraponto, 2005, Vol 1.

BROIDE, Jorge. **A rua enquanto instituição das populações marginalizadas: uma abordagem psicanalítica através do grupo operativo**. Dissertação de mestrado. São Paulo, 1993.

BURSZTYN, M. (org.). **No meio da rua. Nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARROLL, Levis. **Alice no País da Maravilhas**. Porto Alegre: L&LP, 1998.

CARVALHO, Sérgio Resende. **Saúde Coletiva e Promoção à Saúde: uma reflexão sobre os temas do sujeito e da mudança**. Tese de doutorado do Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Universidade Estadual de Campinas, fevereiro de 2002.

CHNAIDERMAN, Miriam. “Construindo possibilidades de clínicas multifacetadas: caleidoscópios cotidianos”. In: PALOMBINI, Analice (org.). **Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública – a clínica em movimento**. Porto Alegre, UFRGS, 2004.

COIMBRA, Cecília. **Das Essências às Multiplicidades: especialismo psi e produções de subjetividades**. *Psicol. Soc.* v.15 n.2 Porto Alegre jul./dez. 2003.

**III Conferência Nacional de Saúde Mental**: Caderno Informativo - Secretaria de Assistência à Saúde, Conselho Nacional de Saúde. 1o. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 – 1997. 5v. II

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu**. Trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ESTATUTO dos Meninos e Meninas de Rua. **Jornal Boca de Rua**. Porto Alegre, ano II, no. 10, set., out., nov. de 2003.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Andarilhos da Imaginação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FIGUEIREDO, Luís C.; JUNIOR, Nelson Coelho. **Ética e Técnica em Psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2000.

FOGAÇA, José. Porto Alegre avança - Na verdade preserva e avança, respeitando a identidade da cidade, colhendo as lições do passado para construir um futuro melhor. **Revista Cidades do Brasil**, nº. 60, Abril de 2005 . Disponível em: <http://cidadesdobrasil.com.br/> Acesso em dezembro de 2005.

FONSECA, Tania Mara Galli. "A cidade subjetiva". In: Fonseca, Tania M. G. (org.) **Cartografias e devires** – a construção do presente. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 11<sup>a</sup> ed., 1995.

FRAYZE – PEREIRA, João. Crise e Cidade. Por uma poética do acompanhamento terapêutico. In: Equipe de Acompanhamentos Terapêuticos do Instituto A Casa (org.) **Crise e Cidade: Acompanhamento Terapêutico**. São Paulo: EDUC, 1997, p.19-37.

GOMES, Rita de Cássia Maciazeki. **A NAU DOS LOUCOS NA RUA** - Reflexões sobre o trabalho com moradores de rua de Porto Alegre. Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2002.

GOMES, Rita de Cássia Maciazeki. **Uma clínica diferente : Uma Clínica da Rua**. In: Histórias e Memórias de Psicologia. Porto Alegre: CRP-7<sup>a</sup>. Região, 2003.

GOMES, Rita de Cássia Maciazeki. **Saindo das Caixinhas: Possibilidades e Desafios no Trabalho em Rede com População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre-RS**. Trabalho de Conclusão de Curso da Residência Integrada em Saúde da Escola de Saúde Pública – RS. Porto Alegre, 2006. no prelo

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 14<sup>a</sup>. ed, 2003.

GUATTARI, Félix. *Caosmose : um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix . ROLNIK Suely. **Micropolítica - Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 5o. ed., 1999.

GENTE Invisível. **Jornal Boca de Rua**. Porto Alegre, ano I, no. 0, dez. 2000.

GENTE Caracol. **Jornal Boca de Rua**. Porto Alegre, ano II, nº. 11, de dezembro 2003/ janeiro e fevereiro de 2004.

KAFKA. Franz. **Na Construção da Muralha da China**, 1995.

KOWARICK, Lúcio. **Escritos urbanos**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LESSA, Carlos (2000). **Ovos da Serpente**. In: BURSZRYN, M. (org.) **No meio da rua: Nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond.

LEROI-GOURHAN. **O Gesto e a palavra**. Memória e Ritmos. Lisboa : Edições 70, S/D, p.134

LOBOSQUE, Ana Marta. **Princípios para uma clínica antimanicomial**. São Paulo: Hucitec, 1997.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. **As representações da Cidade no Discurso Literário: A Rua de Clarice Lispector**. In: Cidade Atravessada: os sentidos públicos dos espaço urbano. Eni P. Orlandi (org.). Campinas, SP: Pontes, 2001, p.175-180.

MAGNI, Claudia Turra. **Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre**. Porto Alegre: Dissertação de mestrado no Programa de Pós - graduação em Antropologia Social da UFRGS, maio de 1994.

NEGRI, Toni. **Exílio** – seguido de Valor e Afeto. São Paulo: Iluminuras LTDA, 2001.

NEGRI, Toni. **O poder constituinte: ensaio sobre as alternativas da modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

OLIVEIRA, Carmen Silveira. **Sobrevivendo no inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

OLIVEIRA, D. C. R. (editor). **Se Essa Rua Fosse Nossa** . In: Saúde Mental Coletiva. Porto Alegre, ano 1- no. 1 - Reedição, junho de 1993.

PALOMBINI, Analice. **O louco e a rua: a clínica em movimento mais além das fronteiras institucionais**. In: Educação, Subjetividade e poder. Revista do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional - UFRGS. Porto Alegre, no. 6, v.6, p. 25-31. Ago. 1999.

PALOMBINI, Analice. e colaboradores. **Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública – a clínica em movimento**. Porto Alegre: Ufrgs, 2004.

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. **A Construção do Plano da Clínica e o Conceito de Transdisciplinariedade**. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jan.-Abr. 2000. Vol. 16, no. 1, p. 71-79.

PELBART, Peter Pál. **Da Clausura do fora ao fora da Clausura**. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1989.

PELBART, Peter Pál. **A Nau do Tempo Rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital: Ensaio de Biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PUEL, E. et al. **Saúde Mental Transpondo as Fronteiras Hospitalares**. Porto Alegre: Da Casa, 1997.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. **A casa dos sem-casa**. In: **Psicologia Ciência e Profissão**. Ano 12, no. 3 e 4/92.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental–Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Rosane Neves. **Cartografias do Social: estratégias de produção do conhecimento**. Tese de Doutorado. UFRGS, 2001.

SOUSA, Edson. L. A. de. As utopias como âncoras simbólicas. **Correio da APPOA**, Porto Alegre ano IX, nº.108, p. 24 –27, nov., 2002a.

SOUSA, Edson. L. A. de. Por uma Cultura da Utopia. In: UFRGS. **Unicultura**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002b.

SOUSA, Edson. L. A. de. **A Burocratização do Amanhã**. 2006. Texto inédito

UNIVERSO Paralelo. **Jornal Boca de Rua**. Porto Alegre, ano V, no. 19, jan., fev, mar. de 2006.

VILHENA, Júnia. **Da cultura do medo à fraternidade como laço social**. In: VILHENA, J. et al. (org). **A Cidade e as Formas de Viver**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. pp.19 – 43.

VILHENA, Júnia. (2003). **Da claustrofobia a agorafobia. Cidade, confinamento e subjetividade**. In: Revista do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Ed. UERJ. Vol. IX. Pp. 77-90.

VIRILIO, Paul. **A Inércia Polar**. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1993

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

ZALUAR, Alba. **I Seminário Nacional sobre População de Rua**. Essas Pessoas a quem chamamos população de rua. São Paulo: Caderno do CEAS, 1992.

## Referência Filmográfica

Vídeo **Habitantes das Ruas**. Direção de Claudia Turra Magni, 1994.

**ANEXO A**

**ANEXO B**